

EXT-R-28



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA-FLORESTAL
Curso de Engenharia Agrónomica com Orientação em Extensão Rural

Trabalho de Licenciatura



**Título: Análise da Utilidade
das Formas de Auto-
Organização Tradicional em
Intervenções de
Desenvolvimento Rural**

Encomendada por: Antoinette Van Vugt
Secção Comunicação e Sociologia Agrária

Eugenio Rafael Amós
Maputo: Julho 2002



301.7
AMD

EXT. R-28



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
Curso de Engenharia Agronómica com Orientação em Extensão Rural

Trabalho de Licenciatura

21323

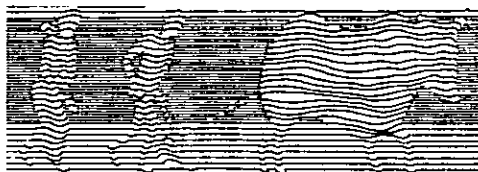


**Título: Análise da Utilidade
das Formas de Auto-
Organização Tradicional em
Intervenções de
Desenvolvimento Rural**

Supervisora: dra. Antoinette van Vugt

Secção: Comunicação e Sociologia Agrária

Eugénio Rafael Amós
Maputo, Julho 2002



**ANÁLISE DA UTILIDADE DAS FORMAS DE AUTO-ORGANIZAÇÃO
TRADICIONAL EM INTERVENÇÕES DE DESENVOLVIMENTO RURAL**

Com um enfoque especial nas formas de auto-organização que são o resultados
de actos de ajuda mútua praticadas tradicionalmente pelos camponeses do sector
familiar com o fim de aumentar a sua produção agrária, no Sul de Moçambique

Por

Eugénio Rafael Amós

Tese Apresentada à
Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal
Universidade Eduardo Mondlane
Como Requisito Parcial à Obtenção do Título de Licenciatura

Maputo, Julho de 2002

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro que este trabalho nunca foi apresentado no seu conteúdo para a obtenção de qualquer grau, constituindo essencialmente o resultado da minha pesquisa pessoal, estando indicado no texto e na bibliografia as partes usadas pelo autor.

(Eugénio Rafael Amós)

ÍNDICE	PÁGINA
DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS	II
LISTA DE ABREVIATURAS	III
LISTA DE TABELAS E ANEXOS	IV
RESUMO.....	V
I. INTRODUÇÃO.....	1
I.1. PROBLEMA DE ESTUDO E JUSTIFICAÇÃO	3
I.2. OBJECTIVOS.....	5
II. MOLDURA TEÓRICA.....	6
II.1. CONCEITOS E TEORIAS ACERCA DE ORGANIZAÇÕES CAMPONESAS.....	6
II.2. ANÁLISE DAS FORMAS DE ORGANIZAÇÕES LOCAIS IDENTIFICADAS	7
II.2.1. <i>Organizações Locais de Produção de Bens Agro-pecuários</i>	8
II.2.2. <i>Organizações Tradicionais de Ajuda Mútua</i>	10
II.3. DESENVOLVIMENTO RURAL E SUSTENTABILIDADE.....	12
+ II.3.1. <i>Desenvolvimento Rural</i>	12
+ II.3.2. <i>Conceito de Sustentabilidade</i>	12
III. METODOLOGIA	15
IV. LOCAL DE PESQUISA	17
V. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
V.1. INTRODUÇÃO.....	19
V.2. IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS DIFERENTES INICIATIVAS TRADICIONAIS DE AUTO-ORGANIZAÇÃO NA COMUNIDADE RURAL DO DISTRITO DE XAI-XAI.....	20
V.3. ORGANIZAÇÕES LOCAIS DE CAMPONESES IDENTIFICADAS NA ALDEIA DE NHANCUTSE.....	25
V.3.1. <i>Iniciativa da Formação dos Grupos</i>	29
V.3.2. <i>Objectivos das associações/grupos organizados de Nhancutse</i>	31
V.3.3. <i>Razões da Entrada dos Membros nos Grupos de Nhancutse</i>	32
V.3.4. <i>Visão das Associações/Grupos Organizados de Nhancutse quanto ao Futuro</i>	33
V.3.5. <i>Destino da Organização Depois do Fim do Apoio</i>	34
V.3.6. <i>Pontos Fortes que Unem os Membros</i>	35
V.3.7. <i>Liderança</i>	36
V.4. INSTITUIÇÕES QUE TRABALHAM COM OS GRUPOS LOCAIS DE CAMPONESES DE NHANCUTSE	40
V.4.1. <i>ADCR – ONG Nacional</i>	40
V.4.2. <i>Visão Mundial – ONG Internacional</i>	42
V.5. ORGANIZAÇÕES DE PRODUTORES FORMADAS NO ÂMBITO DE PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO RURAL.....	44
V.5.1. <i>Iniciativa da Formação dos Grupos</i>	45
V.5.2. <i>Objectivos dos Grupos da Visão Mundial</i>	46
V.5.3. <i>Razões da Entrada no Grupo e Influência da Heterogeneidade dos Membros</i>	47
V.5.4. <i>Visão dos Grupos da VM para o Futuro</i>	48
V.5.5. <i>Destino do Grupo Após o Término do Apoio</i>	49

V.6. COMPARAÇÃO E ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DAS ORGANIZAÇÕES CAMPONESAS QUE SURGIRAM DOS GRUPOS TRADICIONAIS DE AJUDA MÚTUA/POR INICIATIVA DA COMUNIDADE COM AS FORMADAS NO ÂMBITO DE PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO RURAL DA VM.....	50
V.7. ANÁLISE DA SUSTENTABILIDADE DOS PROJECTOS IMPLEMENTADOS PELAS DUAS ONG'S	56
V.8. ANÁLISE DA HIPÓTESE FORMULADA	59
VI. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	60
VI.1. CONCLUSÕES.....	60
VI.2. RECOMENDAÇÕES	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de diploma aos meus pais, Rafael Amós e Celina Bestala, por terem apostado na minha formação;

Às minhas irmãs e irmãos, Ana Maria, Lucília, Charety, Estefânia, Cacilda, Felizarda, Cristovão, Enoque e Nickson, e ainda aos meus tios Jacinto Meliua e Inês Bestala; por me terem apoiado na minha formação.

AGRADECIMENTOS

Expresso imensos agradecimentos à minha supervisora, doutora Antoinette van Vugt, pelo contínuo acompanhamento, amabilidade e paciência que demonstrou em todas as fases da realização do trabalho, e por me ter facultado a valiosa bibliografia;

Aos técnicos da ADCR, em especial ao senhor Macome, Sabão, Boane, Saveca e a dona Graciet, pelo apoio que me deram na indicação dos locais de pesquisa, grupos que seriam envolvidos no trabalho, mantiveram contactos com os líderes dos grupos e criaram condições no campo para hospedagem e transporte;

Ao senhor Mabunda, Machaeie, Daniel, Ernesto e Mahumane, que me ajudaram na tradução das entrevistas;

Aos meus amigos e colegas, Nícia, Rita, Milly, Rosina, Muanansal, Norton, Ilídio, Banze, Aljofre, José Manuel, Issufo, Afonso, Amurane, Saimone e Luck, pelos conselhos, apoio moral depositados ao longo do curso;

A Adelaide Amurane, pelo apoio moral e ajuda em momentos difíceis;

A minha família especialmente, pelo apoio moral e compreensão dispensada, apesar da distância que nos separava;

A todos aqueles que directa ou indirectamente fizeram com que a realização deste trabalho fosse uma realidade.

Muito Obrigado

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS
ADCR	ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES RURAIS
AGROPEM	ASSOCIAÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE MATUBA
ILO	INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION
IFAP	INTERNATIONAL FEDERATION OF AGRICULTURAL PRODUCERS
INDER	INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL
MADE R	MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL
MPF	MINISTÉRIO DO PLANO E FINANÇAS
NU	NAÇÕES UNIDAS
ONG	ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
ORAM	ASSOCIAÇÃO RURAL DE AJUDA MÚTUA
PNUD	PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO
SA	SEGURANÇA ALIMENTAR
UDA	UNIDADE DE DIRECÇÃO AGRÍCOLA
UNAC	UNIÃO NACIONAL DOS CAMPONESES
UGC	UNIÃO GERAL DAS COOPERATIVAS
VM	VISÃO MUNDIAL

LISTA DE TABELAS E ANEXOS

<i>Tabela 1: Formas de ajuda mútua identificadas no local de pesquisa e suas características..</i>	<i>21</i>
<i>Tabela 2: Razões da formação dos grupos de ajuda mútua.....</i>	<i>23</i>
<i>Tabela 3: Iniciativa da formação dos grupos de Nhancutse</i>	<i>30</i>
<i>Tabela 4: Objectivos das associações/grupos de Nhancutse.....</i>	<i>31</i>
<i>Tabela 5: Motivos da entrada dos membros nos grupos de Nhancutse</i>	<i>32</i>
<i>Tabela 6: Visão das associações/grupos organizados de Nhancutse</i>	<i>33</i>
<i>Tabela 7: Destino dos grupos de Nhancutse após o término do apoio.....</i>	<i>34</i>
<i>Tabela 8: Pontos positivos que unem os membros dos grupos de Nhancutse</i>	<i>35</i>
<i>Tabela 9 : Razões da escolha e permanência dos líderes nos grupos de Nhancutse.....</i>	<i>37</i>
<i>Tabela 10: Objectivos dos grupos da VM.....</i>	<i>45</i>
<i>Tabela 11: Visão dos grupos da VM.....</i>	<i>47</i>
<i>Tabela 12: Origem dos grupos.....</i>	<i>49</i>
<i>Tabela 13: Razões da entrada dos membros nos grupos</i>	<i>50</i>
<i>Tabela 14: Opinião dos membros quanto ao funcionamento do grupo</i>	<i>51</i>
<i>Tabela 15: Visão dos dois tipos de grupos</i>	<i>52</i>
<i>Tabela 16: Critérios usados para análise da sustentabilidade dos projectos implementados..</i>	<i>55</i>
<i>ANEXO 1.....</i>	<i>66</i>
<i>ANEXO 2.....</i>	<i>67</i>

RESUMO

Desde os tempos remotos, as sociedades camponesas se organizaram e praticaram formas tradicionais de cooperação e entre-ajuda adaptadas às suas condições económicas, sociais e culturais, para fazer face à problemas que individualmente seriam de difícil solução (Vieira, 2000). A expansão do capitalismo e a abertura da economia do mercado, afectou estas organizações, que tiveram que se adaptar às novas condições, tendo algumas deixado de existir e outras tentaram resistir.

Por um tempo (período em que a tomada de decisão era centralizada), estas práticas tradicionais foram ignoradas pelas agências de desenvolvimento, porque ainda não se conhecia o potencial que tinham para conduzir as actividades de desenvolvimento rural, acreditando-se que as inovações tecnológicas seriam a solução para o aumento da produção agrícola no sector familiar. Ultimamente houve mudanças no pensamento de algumas agências de desenvolvimento, porque viu-se que só a partir destas formas de auto-organização seria possível construir uma base de uma organização sustentável.

É neste âmbito que surge o presente trabalho para se conhecer até que ponto estas formas de auto-organização podem contribuir para a implantação de projectos de desenvolvimento rural sustentáveis. O estudo foi conduzido no distrito de Xai-Xai da Província de Gaza, por existirem vários grupos de camponeses baseados na auto-organização e o facto que nesta zona opera uma ONG nacional (ADCR) que baseou as suas organizações camponesas nos grupos existentes de ajuda mútua, e uma ONG internacional (VM) que formou novos grupos de camponeses no âmbito dos seus projectos. Assim, surgiu a possibilidade de comparar os dois tipos de organizações camponesas.

O primeiro tipo de organizações, sendo resultantes de formas tradicionais de ajuda mútua ou formadas por iniciativa da comunidade sem envolvimento do meio externo; mostraram ter laços fortes, boa coesão entre os membros e estarem mais preocupados com o processo produtivo com vista a melhoria da condição de vida dos membros. Enquanto que o segundo tipo de organizações, as formadas no âmbito de projectos de desenvolvimento rural, tinham um funcionamento deficiente porque não havia noção de direcção, os membros tinham uma atitude apática e eram menos criativos, como resultado do apoio externo que recebiam.

Conclui-se que o segundo tipo de organizações, não é ideal para participar em projectos de desenvolvimento rural sustentável, porque não reúnem condições para garantir a sustentabilidade dos projectos implementados. Os membros entram para satisfazer as suas necessidades temporárias e anseios (ter acesso ao estímulo), não se preocupando na continuidade do grupo assim como do processo produtivo após o término do apoio. De referir que na implantação de projectos sustentáveis, tanto a participação activa dos intervenientes como a continuidade do grupo e do processo produtivo, são factores vitais para que as actividades sejam sustentáveis a longo prazo.

I. INTRODUÇÃO

Em Moçambique, o processo de evolução da tendência para o agrupamento das populações em associações ou em grupos com princípios associativistas, remota desde o tempo colonial, tendo assumido diversas facetas ao longo do tempo como reflexo das mudanças que foram ocorrendo (Da Graça *et al.*, 1998). Estes autores dizem que no período colonial, o associativismo era um processo de agrupamento formal de indivíduos agro-pecuários e pequenos industriais com interesses comuns, que recebiam apoio das autoridades coloniais como assistência técnica, crédito etc.

Após a independência alcançada em 1975, o movimento das populações em cooperativas, conheceu contornos acentuáveis. O Governo, de orientação socialista na altura, mobilizou os camponeses em cooperativas que tinham um número elevado de membros e trabalhavam em machambas extensas. Até a década 80, a maior parte das cooperativas, era demasiado dependente do Estado, desprovida de uma estrutura de auto-gestão consistente, o que teve repercussões negativas no seu rendimento (Massingarella e van Vugt, 2001 citando INDER, 1998).

Como resultado da "imposição" das instituições de *Bretton Woods*, em 1987 foi adoptado o Programa de Reabilitação Económica (PRE), devido à crise económica que se tinha verificado em Moçambique. Este programa preconizava, entre outras medidas, a desvalorização da moeda nacional e a liberalização das importações. Mais tarde, o Estado entrava em parceria com o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, que até então, se contavam como principais doadores do Governo e impulsionadores de reformas, que de certa forma, vieram alterar a política socialista para a abertura de uma economia de mercado e o papel do estado face às cooperativas. Assistiu-se depois ao desaparecimento de algumas cooperativas e outras transformaram-se em associações (Massingarella & van Vugt, 2001).

A partir de 1992, verificou-se o incremento de profundas transformações, particularmente no ambiente social, político e económico que impulsionou o (re)surgimento de iniciativas auto-organizadas da sociedade civil, como resultado do fim da guerra e da consolidação da política de economia de mercado. Actualmente, assiste-se então a proliferação de organizações de níveis e finalidades diversas (ONG's, associações formais e informais de base comunitária e outras), actuando em campos tão diversificados como a agricultura, pescas, comércio, saúde, educação, cultura, etc. (Da Graça *et al.*, 1998)

Nas últimas décadas, as agências nacionais e internacionais de desenvolvimento, tem discutido formas para melhorar as capacidades individuais e organizacionais, no sentido de levar a cabo actividades de desenvolvimento para prover a base para a tomada de decisão de uma forma participativa envolvendo os "*agentes de mudança*" e o "*grupo alvo*". Neste processo, *os sistemas de conhecimento indígena e organizações locais* têm recebido grande atenção (Blunt & Warren, 1996). Os dois conceitos "*conhecimento indígena e organizações locais*" convergem para uma área denominada por "*organizações tradicionais*", que levam a considerar o que estas podem contribuir para a sua auto-gestão e uma melhoria sustentável da vida dos camponeses.

Blunt & Warren (1996) salientam que o papel social das organizações tradicionais foi sempre subestimado apesar da sua grande importância no desenvolvimento rural dando-se maior ênfase ao papel económico. Os "*conhecimentos indígenas*" também tinham sido ignorados ou marginalizados pelos agentes de mudança, o que levou ao fracasso de muitos projectos de desenvolvimento. Para este autores, o "*conhecimento indígena*" de qualquer comunidade oferece bases para que uma comunidade seja coesa na tomada de decisões e desenvolva capacidades de identificar um conjunto de problemas e constrangimentos que a comunidade enfrenta, e propor mecanismos para mudança para melhores situações.

Cossa (1999) diz que é fundamental que se faça um levantamento exaustivo da realidade local antes do início das actividades para se conhecer os problemas e potencialidades do grupo alvo para que estas possam ser aproveitadas. Há necessidade de, as agências de desenvolvimento, discutirem os seus projectos de desenvolvimento com as comunidades para que estas se sintam envolvidas no empreendimento e garantam a sua continuidade e replicabilidade.

Massingarella & van Vugt, (2001) são da opinião que em projectos de desenvolvimento rural, o surgimento artificial das organizações pode causar um nível de motivação baixo no seio de muitos membros e uma atitude apática. O povo moçambicano desenvolveu muitas relações sociais que garantem a sobrevivência a curto prazo e suportar-se a longo prazo. Se tais relações forem aproveitadas, podem conduzir acções e envolver grupos sociais sem uma pesada dependência no apoio externo. Para estes autores, as formas de "*organização tradicionais*", podem ser a base para um desenvolvimento sustentável.

I.1. PROBLEMA DE ESTUDO E JUSTIFICAÇÃO

Em todas as sociedades camponesas se praticaram e praticam formas de cooperação e entre-ajuda, adaptadas à diversidade de situações e sistemas de agricultura, mais ou menos institucionalizadas e que souberam resistir, também de formas diferentes, à expansão do capitalismo (Viega, 2000). Este autor salienta que algumas dessas formas não conseguiram resistir aos ataques do liberalismo económico e da generalização dos direitos de propriedade privada sobre a terra, enquanto que outras resistiram com êxito mantendo quase intocáveis as suas características iniciais e outras ainda foram adaptando-se às mudanças económicas e sociais adoptando as formas modernas de associação ou cooperativa.

Para o caso concreto de Moçambique, maior parte das cooperativas formadas após a independência, não deram os resultados esperados do propósito da sua formação. Estas cooperativas tinham um número de membros elevado que trabalhavam em machambas extensas e que não possuíam uma estrutura de auto gestão consistente, dependendo exclusivamente do Estado no que diz respeito à distribuição de insumos produtivos e crédito financeiro (Da Graça *et al.*, 1998). Como resultado das novas parcerias¹, o estado foi pressionado e deixou de garantir o suporte financeiro e insumos produtivos e muitas das tais cooperativas simplesmente deixaram de existir e algumas transformaram-se em associações.

Blunt & Warren (1996) documentam que a falha de projectos nos últimos vinte anos para iniciar acções sustentáveis com vista a marcar uma diferença positiva no nível de pobreza em África, deveu-se a ignorância das condições locais no desenho dos projectos e pensava-se no envolvimento e controlo da população como parte para se atingir as metas traçadas para o desenvolvimento e não como um processo no desenvolvimento. Muitos projectos desta natureza não tinham continuidade após o término do projecto, porque a população por si não conseguia gerir o projecto uma vez que não era envolvida no desenho, implementação e avaliação deste.

Estes autores acreditam que o desenvolvimento positivo pode acontecer se os beneficiários estiverem envolvidos na planificação, implementação e avaliação deste processo. A informação dos membros da comunidade é necessária em todos os estágios do projecto: antes do início do projecto,

¹ No início dos anos 80 verificou-se uma crise económica que também foi explicada pelo conflito armado então existente. Para sair desta crise o Governo adoptou uma série de medidas (adopção do Programa de Reabilitação Económica - PRE) e entrou em parcerias com o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

durante o desenho, formulação do mesmo, bem como a implementação bem sucedida com vista a sustentabilidade deste. Os planificadores devem reconhecer que o grupo alvo tem informação e conhecimento que pode contribuir para o sucesso dos vários estágios do projecto.

Em Moçambique já foram executadas algumas pesquisas iniciais em que foi reconhecida a utilidade das organizações tradicionais para as intervenções de desenvolvimento rural (INDER, 1998; Dava A., *et al.*, 1998 e ORAM, 1997). Tanto nos documentos acima referidos como noutros das várias instituições moçambicanas, reconhece-se a importância das diferentes formas de organização tradicional de produtores, mas o seu potencial em difundir as oportunidades de desenvolvimento ainda não foi analisado "in loco" e não se conhecem os seus efeitos na prática do reconhecimento da importância destes hábitos tradicionais.

Massingarella e van Vugt (2001), falam da necessidade de se ter uma base sólida para se formar uma organização, que passa necessariamente pelo estímulo na mudança de mentalidade no seio dos membros da comunidade, aproveitando-se de forma útil as organizações formadas no âmbito das formas tradicionais de ajuda mútua.

As organizações tradicionais de ajuda mútua tem a vantagem de já existirem e funcionarem na comunidade, sendo caracterizadas pela sua coesão interna, trabalho comunitário, preservação da cultura e tradição, existência de uma relação inter-familiar (as pessoas se conhecem há muito tempo) e manutenção de uma economia de subsistência que se rege por normas não escritas mas aceites plenamente pelos membros. (Galán, 1994).

Os projectos de desenvolvimento rural, deveriam aproveitar os pontos positivos e combater os negativos das organizações tradicionais, para a implantação de projectos sustentáveis. É neste âmbito que se levou a cabo o presente trabalho, com o fim de se conhecer o potencial que estas organizações, formadas no âmbito de ajuda mútua ou por iniciativa da comunidade, têm para contribuir nos projectos de desenvolvimento rural.

I.2. OBJECTIVOS

Geral :

- Fornecer informação acerca do potencial do uso de hábitos tradicionais de auto-organização dos produtores do sector familiar para as actividades de desenvolvimento rural no Distrito de Xai-Xai na Província de Gaza.

Específicos :

- Identificar e descrever diferentes iniciativas tradicionais de auto-organização na comunidade rural do distrito de Xai-Xai, onde se focará mais especificamente nas formas de ajuda mútua praticadas tradicionalmente na agricultura;
- Descrever organizações locais de produtores ainda existentes no meio rural do Distrito de Xai-Xai, que sejam resultantes das actividades regulares de ajuda mútua, ou formadas por iniciativa dos membros da comunidade;
- Analisar até que ponto estas organizações tradicionais estão sendo “aproveitadas” pelos projectos de desenvolvimento rural existentes na zona de pesquisa, e se este aproveitamento é sustentável;
- Descrever organizações de produtores formados no âmbito de projectos de desenvolvimento rural actualmente em funcionamento na zona de pesquisa;
- Comparar e analisar o funcionamento das organizações camponesas que surgiram das organizações tradicionais/por iniciativa dos membros com o funcionamento das organizações de produtores recém formadas, nos projectos de desenvolvimento rural.

Hipótese

1. Organizações de camponeses baseados nos hábitos tradicionais de ajuda mútua são mais sustentáveis do que as organizações locais formadas com o apoio de instituições externas à comunidade. Podem funcionar como base sólida para novas organizações de produtores introduzidas, na comunidade rural, por instituições vocacionadas em actividades visando o desenvolvimento rural.

II. MOLDURA TEÓRICA

O presente trabalho teve como suporte teorias sobre as organizações locais vistas por diferentes actores. Vários autores apresentam os seus pontos de vista numa perspectiva mais ampla acerca do surgimento dessas organizações viradas para a produção de bens e as que surgem no âmbito das formas tradicionais de ajuda mútua. Para uma melhor compreensão dos conceitos a serem apresentados iremos começar com a sua definição.

II.1. Conceitos e Teorias Acerca de Organizações Camponesas

Organização

Tem-se apresentado ao longo dos tempos muitos conceitos sobre organização, com diferentes sentidos e múltiplas acepções, conforme os autores, as áreas científicas e os contextos em que estão inseridas. Contudo, os vários autores consultados nesta pesquisa (Almeida & Rolo, 2000; Boudon, citado por Da Graça *et al.*, 1998; e Vijfhuizen & Waterhouse, 2001), tendem para um mesmo fio de pensamento sendo que o termo organização envolve interacção entre pessoas, coordenação e existência, sempre, de objectivos por alcançar.

Vijfhuizen e Waterhouse (2001), definem a organização como sendo uma colecção de indivíduos, que estão juntos para alcançar um objectivo. Estes (indivíduos), devem ser orientados para objectivos tendo como base a cooperação e colaboração. Tem como elementos a divisão do trabalho, coordenação e orientação para objectivos. As organizações devem apresentar uma cultura, valores, estruturas, normas, regras e uma organização de sistemas de papéis com características específicas. Para efeitos deste estudo teve-se em consideração a definição dada por estes dois autores.

Auto-organização

Organizações formadas por processos endógenos que por si só são responsáveis pelo seu funcionamento (In Dicionário da Língua Portuguesa).

Organizações Locais

São todas organizações que, quaisquer que sejam a sua origem, objectivos, área de actividade, operam num determinado meio geográfico que pode variar desde a aldeia, localidade, bairro, distrito, província, região ou país (Da Graça *et al.*, 1998).

Conhecimento Indígena

Blunt & Warren (1996), definem o “*conhecimento indígena*” como sendo o saber das populações rurais, originário de, e produzido naturalmente, numa certa área.

Comunidade Local/Rural

No contexto da nova lei de terras (Lei n.º 19/97 de 1 de Outubro), uma comunidade local é um “agrupamento de famílias e indivíduos, vivendo numa circunscrição territorial de nível de localidade ou inferior, que visa a salvaguarda de interesses comuns através da protecção de áreas habitacionais, áreas agrícolas, sejam cultivadas ou em pousio, florestas, sítios de importância cultural, pastagens, fontes de água e áreas de expansão.” (Chilundo & Cau, 1997).

Campos (1999), diz que a comunidade é caracterizada por uma convivência intensa, íntima, do tipo familiar. As relações são directas, face a face, o conhecimento e os laços afectivos interpessoais são fortes e os sentimentos de pertença que ligam cada membro ao grupo também. Este autor considera uma família, ou uma aldeia como sendo comunidades.

II.2. Análise das Formas de Organizações Locais Identificadas

Existem vários critérios usados para a classificação e diferenciação das organizações. Quanto a autoridade governante do grupo, a organização pode ser *autónoma* ou *heterónoma* e *autocéfala* ou *heterocéfala*. (Da Graça *et al.*, 1998). São *autónomas* quando a autoridade governante do grupo é estabelecida pelos seus próprios membros e através dos seus próprios esforços; e *heterónomas* quando esta é imposta por um agente externo. Numa organização *autocéfala* está-se em presença de uma situação em que o dirigente e o seu administrativo agem pela autoridade de uma ordem autónoma da organização (exemplo, grupos de Xitique e algumas associações informais de camponeses); enquanto que na organização *heterocéfala* aquelas que estariam sujeitas a fontes de autoridade externas (maior parte das associações de camponeses que se formaram pela promoção de forças exógenas, com objectivos políticos, culturais ou sócio-económicos; exemplo, a Associação Agro-Pecuária de Matuba – AGROPEM, cuja génese está associada ao projecto das Nações Unidas - NU).

Quanto ao estatuto, as organizações podem ser *formais* ou *informais*. As organizações *formais* são aquelas que estão reconhecidas legalmente pelos poderes públicos, apresentam uma clara e complexa hierarquia dos órgãos e membros filiados ou participantes em função dos níveis e papéis

por eles desempenhados. Na maioria dos casos, estas organizações dispõem de um instrumento legal de identificação (geralmente um estatuto), que define os seus objectivos, órgãos, as funções, as obrigações e os deveres dos membros, as articulações entre eles, os métodos de trabalho, o mecanismo de prestação de contas, entre outros. Tais dispositivos procuram normar ou reger o funcionamento da organização e delimitar o âmbito de intervenção desta e dos seus membros. (Da Graça *et al.*, 1998).

Os mesmos autores referem que as organizações *informais*, carecem de reconhecimento legal dos poderes públicos, mas são legítimas para a comunidade que representam ou em que se encontram inseridas. A base da legitimidade pode ser o poder tradicional, religião, clã, idade, classes sociais, vizinhança e outros factores que diferenciam a organização social da comunidade. As organizações *informais*, caracterizam-se por ter uma estrutura organizacional mais difusa que pode estar ausente ou claramente definida. Os órgãos são eleitos com base no carisma pessoal e o papel que pessoas chave ou a influência que estes podem exercer.

II.2.1. Organizações Locais de Produção de Bens Agro-pecuários

Esta categoria de organização engloba essencialmente as associações e cooperativas de camponeses (agro-pecuários), os grupos informais de crédito e ajuda mútua que directa ou indirectamente contribuem para o aumento da produção agrária no sector familiar.

Chilundo e Cau (1997), no seu livro "Organizações das Comunidades no Actual Contexto Agrário em Moçambique", realçam a necessidade de as comunidades locais procurarem alianças úteis e vantajosas, porque trabalhando sozinhas dificilmente poderão passar a sua agricultura de subsistência para o mercado.

Estes autores consideram o "cooperativismo" como uma maneira de unir as forças em torno de um objectivo comum, sendo uma união de interesses onde os seus membros estão ligados pela comunhão de interesses (exemplo, elevar a produção, organizar o mercado, coordenar a tabela de preços, conservar a natureza, etc.). Mais adiante, eles falam da organização dos membros das comunidade locais em "associações" de interesse o que constitui uma outra maneira de criar forças para o progresso (exemplo, coordenar a comercialização de produtos agrícolas, defender os seus direitos de uso e aproveitamento da terra, coordenar a aquisição de títulos de terra comunitários, estudar mecanismos de acesso ao crédito, coordenar esforços para a conservação dos solos, etc.).

Beaudoux e Nieuwkerk (1985), transmitem a mesma opinião, só que vão mais longe ao afirmarem que muitas cooperativas e associações camponesas criadas por iniciativa do governo ou de uma ONG, têm um funcionamento deficiente. Os membros associam-se porque são forçados ou por oportunismo, e não porque subscrevem conscientemente a filosofia do movimento/organização. Mais tarde mostram que aparentemente, as organizações que nascem da iniciativa da própria população e que têm a prática de ajuda mútua como objectivo principal, são mais activas. Quando surgem problemas, procuram novas actividades e esperam menos apoio externo. Estes, consideram ser importante o reconhecimento e a valorização destas iniciativas porque são sinais de uma atitude adequada e podem servir de base sólida para actividades mais complexas.

Na abordagem das organizações de agricultores, devem ser realçados os fins que os agricultores, ao se juntarem pretendem atingir. O elemento vital para coesão interna de um colectivo é a máxima clareza para todos os seus membros acerca desses fins e dos meios e vias a utilizar (Fonseca, 1993). Este autor é de opinião de que, de uma maneira geral, as regras de funcionamento de uma organização têm muita influência na motivação dos membros: o tipo de relações entre o produtor individual e a organização, o lugar reservado a iniciativa individual e o espaço concedido à iniciativa e decisão dos órgãos operacionais.

Sector Familiar

Segundo Cardoso (1993), o sector familiar é uma unidade económica de produção agrária com acesso a terra como meio de subsistência, utilizando mão-de-obra familiar, sempre localizada em sistema económico abrangente, caracterizada pela integração parcial em mercados que tendem a funcionar com elevado grau de imperfeição, com área entre 0,5 e 3 hectares.

Associação

Campos (1999), define a associação como sendo um grupo de seres humanos que, de uma maneira orgânica, entram em relação a fim de tornar possível a realização de certos interesses comuns (lucrativos ou não) e que participam numa ou noutra função da vida social. Este autor salienta que nas associações as pessoas não vivem em comum. Relacionam-se para a realização de um objectivo preciso e permanecem associadas enquanto a permanência no grupo lhe for útil, estando prevista a possibilidade de retirada.

Cooperativa

Segundo a ILO citada por van Vugt (2000), uma cooperativa é definida como um conjunto de pessoas que voluntariamente se unem para juntos alcançarem um fim comum através da formação de uma organização controlada democraticamente, fazendo contribuições iguais, equitativas e justas do capital requerido e uma partilha clara dos riscos e benefícios do empreendimento, na qual os membros participam activamente.

II.2.2. Organizações Tradicionais de Ajuda Mútua

Em seguida descrevem-se algumas formas de ajuda mútua na agricultura identificadas por van Vugt (1992).

Tsima

É a realização de uma operação pontual, seguida de celebrações (que incluem a oferta de bebida e comida tradicional às pessoas que o ajudam). Com o "Tsima" realizam-se trabalhos que custam muita mão-de-obra e que devem ser feitos o mais rápido possível para não perder a produção agrícola.

O "Tsima" funciona na base de um grupo "fixo" que colabora durante muito tempo e que tem as suas regras internas e a sua hierarquia. Os membros têm um objectivo comum e "Tsima" é uma iniciativa da população camponesa.

Cofunana

É um sistema rotativo de troca de mão-de-obra em que não é preciso oferecer bebida ou comida aos participantes depois do acabamento do trabalho, sendo por isso especialmente organizado pelos camponeses pobres. "Cofunana" é muito parecido com "Tsima".

Os membros do grupo, normalmente trabalham durante alguns dias seguidos nas suas respectivas machambas, de uma forma rotativa. Por exemplo, um grupo constituído pelo António, José, Manuel, Luís e Siteo, trabalha na machamba do António, no dia seguinte vão todos trabalhar na machamba do José e assim sucessivamente. Para não ficarem uma semana fora da sua machamba, podem fazer "Cofunana" durante dois ou três dias da semana. Podem existir durante anos com mais ou menos os mesmos membros e um líder fixo.

Xitique

É uma espécie de sistema de poupança e crédito informal que não inclui o conceito de juro, em que duas ou mais pessoas, na base de confiança mútua gerada com base em relações de amizade ou profissionais financiam-se mutuamente e de forma rotativa, numa base diária, semanal ou mensal num determinado montante fixo. (Dava *et al.*, 1998).

Para van Vugt (1992), o "Xitique" é uma das formas de ajuda mútua ligada ao crédito e poupança. Pratica-se em todas as zonas rurais e urbanas do país, com destaque os camponeses do sector familiar que possuem alguma capacidade financeiras a praticarem nas zonas rurais. O "Xitique" é uma forma de ajuda mútua que varia conforme o lugar onde se realiza e o tipo de participantes do grupo. As pessoas fazem o "Xitique" por duas razões :

- Primeira: o camponês que recebe o total do dinheiro tem a possibilidade de comprar coisas caras ou pode realizar uma actividade para a qual, normalmente não tem dinheiro suficiente;
- Segunda: os camponeses utilizam especialmente o "Xitique" nos períodos vegetativos das culturas. Nesta altura, os camponeses em geral têm falta de dinheiro.

Van Vugt (1992), diz que estas formas de apoio mútuo, são usadas como uma estratégias de sobrevivência, na medida em que são vistas como o meio de minimizar riscos. A vida do camponês do sector familiar é caracterizada pela sua sensibilidade para mudanças bruscas, e este possui poucas/nenhumas reservas alimentares, correndo neste caso a grandes riscos na sua produção agrícola.

Estes hábitos tradicionais de cooperação e entre ajuda, vêm sendo praticados desde há muito tempo e maior parte das organizações tradicionais formadas no âmbito desta cooperação não conseguiram resistir as mudanças sócio-culturais, políticas e económicas havidas. Daí que por algum tempo foram ignorados, dando-se mais ênfase a inovações tecnológicas que eram vistas como o meio de aumentar a produção agrícola no sector familiar. A introdução destas novas tecnologias não foi bem sucedida, porque não foram tomados em consideração os aspectos sócio-culturais das zonas beneficiárias. Ultimamente houve mudança no pensamento de algumas agências de desenvolvimento, voltando-se já para estas formas de hábitos tradicionais, porque viu-se que só a partir delas seria possível construir uma base de organização sustentável.

II.3. Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade

II.3.1. Desenvolvimento Rural

O Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER) no seu livro de Maio 2000, dá uma abordagem mais exaustiva do conceito de desenvolvimento. Para esta instituição, o desenvolvimento é um processo cultural integrado, carregado de valores, englobando o ambiente natural, as relações sociais, a educação, a produção, o consumo, o bem estar. Nesta perspectiva, considera-se como sendo um processo endógeno, que surge a partir do foro interior da sociedade, definindo de forma soberana a sua visão, contando inicialmente com as suas forças e depois dos que querem ajudar. O MADER enfatiza a importância do desenvolvimento rural, pois mais de 70% da população vive no meio rural, regiões que a pobreza está de alguma forma associada ao fraco desenvolvimento da agricultura.

Para o MADER, o desenvolvimento rural passa por uma abordagem multisectorial, baseada numa intervenção centrada nos actores, na qual o homem desempenha um papel primordial. O fortalecimento das organizações de base local e/ou comunitária e a promoção da comunicação horizontal pautando-se pela realização de acções que estimulem o desenvolvimento endógeno e participativo que responda as necessidades, anseios e aspirações das comunidades locais, é uma das estratégias usada por esta instituição para melhorar a vida da população rural. Neste caso, a participação comunitária aparece como o aspecto mais importante pela necessidade de envolver directamente as comunidades locais no processo de desenvolvimento, e é um requisito fundamental para que as intervenções de desenvolvimento rural sejam sustentáveis. A participação significa muito mais do que a auscultação ocasional da população sobre acções específicas, implicando uma autonomia local, situação que é atingida pela existência de organizações voluntárias ao nível de base, enraizadas na tradição e culturas locais, com liderança próprias e legítimas.

II.3.2. Conceito de Sustentabilidade

Para Kanshahu (1996), o conceito de sustentabilidade é baseado na confiança de que a implementação de projectos tinha que resultar em benefícios com efeitos duradouros, e este não podia consumir uma quantidade avaliável de recursos. Neste sentido, a implementação de projectos não pode consumir todos os recursos necessários para as futuras gerações e deve produzir bens e serviços de uma forma contínua.

Este autor salienta que na análise da sustentabilidade, os planificadores devem ter a certeza que os propósitos da implementação do projecto vão ao encontro das condições específicas no que respeita a sua sustentabilidade. Um projecto é sustentável se não resulta no esgotamento dos recursos naturais. Este, deve preservar o ambiente natural e garantir a continuidade do processo produtivo no futuro. Para este autor, a sustentabilidade do projecto obtém-se quando os beneficiários são envolvidos activamente em todas as fases do projecto para que estes se tornem mais auto-confiantes e consigam gerir o projecto após o término da ajuda financeira e de gestão externa.

IFAP (1990), define a sustentabilidade como a continuidade das actividades pela comunidade/grupo alvo por longo prazo sem a destruição dos recursos naturais bases, depois de cessar o suporte técnico da instituição/projecto.

Warren & Blunt (1996), são da opinião que a sustentabilidade e sucesso de um projecto será alcançado quando a comunidade for envolvida na participação e dar-se tempo para que estes entendam o projecto de desenvolvimento, traçam as suas prioridades, indicando os recursos locais de que dispõem, para criar estruturas de gestão tradicional a nível da comunidade. Por fim, eles dão cinco condições para a auto-gestão de um projecto de desenvolvimento :

- A) A comunidade deve ser envolvida em todos estágios do projecto;
- B) O papel e as responsabilidades da comunidade e das agências de desenvolvimento devem ser definidas claramente e cada um deve cumprir as suas obrigações;
- C) O governo e as agências de desenvolvimento, agem como suportes da comunidade e não são donos ou gestores dos recursos;
- D) O contrato entre a comunidade e as agências de desenvolvimento é feito através do corpo directivo o qual primeiramente tem habilidade de organizar e motivar a comunidade;
- E) As agências de desenvolvimento e governamentais cumprem as suas restrições mas tem uma tarefa vital de motivação, treinamento e assistência técnica.

CrITÉRIOS Para a Sustentabilidade de Projectos

Kanshahu, 1996 define onze critérios para a sustentabilidade dos projectos de desenvolvimento rural, sendo eles:

1. Baixo custo: o projecto tem que necessitar investimentos a baixo custo;

2. Capaz de se adaptar aos conhecimentos locais: o projecto deve fazer uso dos conhecimentos que são facilmente obtidos localmente, com ou sem treinamento especial;
3. Uso de recursos locais: o projecto deve fazer o uso em grande medida do material bruto local;
4. Os resultados devem ir ao encontro das necessidades básicas da população local: os produtos e/ou serviços do projecto devem ir ao encontro das necessidades dos beneficiários;
5. Substituição de impostos e poupanças de divisas: o projecto deve substituir impostos e poupar divisas;
6. Criação de emprego: o projecto deve criar postos de trabalho aos beneficiários;
7. Gerar lucros: o projecto deve gerar lucros ou criar excedentes para o mercado e auto-sustento;
8. Harmonia ambiental: o projecto deve manter um ambiente harmonioso;
9. Tecnologia simples e fácil de aprender: o projecto deve usar uma tecnologia simples ou fácil de aprender;
10. Continuidade da produção: o projecto deve ter um sistema de manutenção que permite a continuidade do processo de produção mesmo depois do término do apoio financeiro e de gestão;
11. Instituições de apoio: um projecto sustentável deve ter planos que asseguram a continuidade através de instituições de apoio.

As organizações estudadas, foram avaliadas com base em 7 condições e critérios descritos pelos dois autores.

III. METODOLOGIA

O presente trabalho consistiu em 3 fases, nomeadamente :

1. Elaboração do protocolo de pesquisa;
2. Recolha dos dados no terreno;
3. Sistematização e análise dos dados, e elaboração do relatório final.

Com base na revisão bibliográfica, fez-se numa primeira fase o levantamento da informação necessária até a medida do possível , acerca das organizações tradicionais e as formas de ajuda mútua praticadas tradicionalmente pelo camponês do sector familiar em Moçambique com o intuito de aumentar a sua produção agrária. Seguiu-se depois a elaboração do protocolo que consistiu na formulação e apresentação da proposta de pesquisa, bem como o local de pesquisa. Sendo um estudo com maior tendência à descritivo, necessitava-se de uma informação mais qualitativa, havendo por isso a necessidade de conhecer a comunidade, os seus traços característicos, as suas gentes e os seus modos de vida. Daí a necessidade do pesquisador realizar uma viagem para o local de estudo antes da fase da recolha dos dados no campo. Isto, foi mais para conviver com a comunidade e conhecer a realidade local.

O contacto com o local de pesquisa, também serviu para procurar e seleccionar as organizações a serem visitadas, bem como a selecção tendo-se usado o critério de existência (organizações formadas há muito tempo e que até agora realizam as suas actividades) de modo a conhecer os pontos fortes que põem em funcionamento a organização, e por outro lado foi uma forma de preparar os contactos para o futuro trabalho a ser realizado. Finda a fase de reconhecimento, o pesquisador elaborou um questionário para as entrevistas semi-estruturadas que foram conduzidas no campo assim como noutras instituições que directa ou indirectamente contribuíram para a realização do trabalho.

A segunda fase deste trabalho constituiu na recolha de dados no campo que foi feita através de entrevistas usando-se questionários semi-estruturados, observações no terreno e conversas informais. No total foram entrevistados 48 camponeses, sendo 12 praticantes de ajuda mútua; 24 membros de organizações tradicionais de produtores que entraram em projectos de desenvolvimento rural e 12 membros de organização de produtores formadas no âmbito de projectos de desenvolvimento rural; também falou-se com alguns técnicos da ONG Nacional a ADCR, e da ONG Internacional a Visão Mundial, que operam na zona de pesquisa.

A maior parte das entrevistas com os camponeses foram conduzidas na língua local (Shangana), daí que houve a necessidade da contratação de um tradutor. O pesquisador viveu no campo para melhor observar a realidade local. O trabalho de campo teve a duração de 5 semanas. A recolha dos dados e as entrevistas eram feitas com base num padrão de escolha aleatória. Para cada grupo de camponeses foram entrevistados 6 membros. Pedia-se ao Presidente do grupo a lista dos membros e do total dividia-se por 6, e daí encontrava-se o intervalo dos membros que depois tinha que se escolher. Se por exemplo, o grupo tivesse 24-25 membros, era seleccionada a 4^a, 8^a, 12^a e assim sucessivamente.

A escolha das regiões para os inquéritos foi feita com base nos seguintes aspectos: aldeias com organizações de produtores que resultaram de organizações tradicionais de ajuda mútua ou formadas por iniciativa da comunidade, aldeias com organizações de produtores formadas no âmbito de projectos de desenvolvimento rural e aldeias com grupos que realizam ajuda mútua. Assim as aldeias que constituíram locais de pesquisa para esse trabalho, foram: *Nhancutse*, *OMM*, *Chiconela*, *Chongoene* e *Nhokoene (Tameleni)*, sendo todas do Distrito de Xai-Xai na Província de Gaza. A escolha destes locais foi possível com o apoio dos técnicos das ONG's, principalmente os da ADCR que indicaram os grupos a serem envolvidos no trabalho, mantiveram contactos com os líderes dos grupos seleccionados e criaram condições no campo para hospedagem e transporte do pesquisador duma aldeia para outra.

A terceira fase baseou-se fundamentalmente na tabulação dos dados, a análise e sua interpretação, e a elaboração do relatório final. Nesta fase fez-se a revisão da literatura com o propósito de fundamentar os resultados. As informações recolhidas através das entrevistas foram sintetizadas, com base em aspectos previamente definidos para facilitar a análise dos dados. As respostas de todos entrevistados de um mesmo aspecto foram agrupadas num sub-capítulo. Para a classificação dos grupos encontrados foram usadas as teorias descritas no quadro teórico, enquanto que para a análise da sustentabilidade dos projectos implementados (tratou-se de uma primeira tentativa para avaliar a sustentabilidade dos projectos implementados pelas duas ONG's no terreno), foram escolhidos 2 critérios de Blunt & Warren e 5 critérios de Kanshahu (vide cap. II.3.2). Foram escolhidos estes 7 critérios, porque foram os aspectos que durante a pesquisa chamaram atenção. A interpretação dos dados foi mais qualitativa.

IV. LOCAL DE PESQUISA

Dava *et al.*, (1998), dizem que em geral as práticas de ajuda mútua, são praticadas hoje tanto nas zonas urbanas como nas zonas rurais, com as mais elevadas taxas de participação no Sul do país que nas outras zonas. Nesta região (Sul), há uma tradição na base da qual os jovens emigram para a África do Sul em busca do trabalho assalariado, enquanto que as mulheres se responsabilizam da produção nas suas machambas para o sustento da família (Pijnenburg, *et al.*, 2000). Estando os maridos ausentes por muito tempo ou mesmo presentes, as camponesas desta zona procuram várias formas de cooperação e entre ajuda, com vista a aumentarem a sua produção agrícola. O distrito de Xai-Xai, situando-se nesta zona não se distancia destes princípios, daí a necessidade de conhecer o potencial que estas organizações formadas no âmbito de ajuda mútua, tem para contribuir nos projectos de desenvolvimento rural e o facto que nesta zona opera uma ONG nacional (ADCR) que tentou basear as suas organizações camponesas nos grupos existentes de ajuda mútua.

O Distrito de Xai-Xai - Província de Gaza

Em 1997, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) realizaram um projecto do perfil do desenvolvimento distrital de todos os distritos do país.

Segundo este projecto, o distrito de Xai-Xai fica localizado na parte Sudeste da província de Gaza, próximo da costa e relativamente perto da capital do país. É composto por três postos administrativos - Chicumbane, Zongoene e Chongoene; a capital do distrito tem 18 localidades. A Direcção Distrital da Agricultura e Pescas é uma das instituições que dentre as várias, se encontra representada no distrito. O distrito é atravessado pela estrada nacional nº 1, o que lhe garante a ligação com Maputo e outras províncias. A população de Xai-Xai é estimada pela administração em 170.685 habitantes. O distrito tem uma superfície total de cerca de 1.749 km², o que resulta numa densidade de 97,6 habitantes por Km².

A agricultura é a actividade dominante e envolve a maioria dos agregados familiares. A área cultivada pelo sector familiar é de 24.709 hectares, o que corresponde a cerca de 14% da área total do distrito. A densidade populacional é relativamente elevada, o que tem sido o motor de alguns conflitos sobre o direito a terra (a administração distrital confirma a existência destes conflitos). O direito de uso e posse de terra é transmitido por herança. As terras baixas ao longo do Limpopo são as mais férteis e as mais habitadas e possibilitam a realização de duas colheitas.

As principais culturas alimentares para o sector familiar são a mandioca, o milho, o feijão e o amendoim; que constituem a base da dieta alimentar. Também cultivam-se algumas hortícolas, sendo as mais frequentes as de abóbora, alface, cebola, couve e tomate. A principal cultura de rendimento é a castanha de cajú, para além da mafurra, cana-de-açúcar e copra.

A produção das culturas, depende em larga escala da mão-de-obra familiar, mas tem sido prática o recurso ao trabalho assalariado e meios mecanizados, ainda que em pequena escala. Os processos utilizados pela população para melhorar a fertilidade do solo são a rotação de culturas e o pousio, para além de algum uso de adubos orgânicos, sendo mais comum a incorporação de restolhos de plantas e detritos armazenados. Apesar da produção agrícola ser baixa, a zona beneficia de uma integração de mercado e de possibilidades de actividades geradoras de rendimento. A produção da colheita principal na zona é insuficiente para cobrir as necessidades de alimentos básicos, as quais só são satisfeitas com as segundas colheitas, com rendimentos não agrícolas ou com outros mecanismos de resistência. As famílias têm recorrido a diversas fontes de rendimento não agrícola para satisfazer as necessidades de segurança alimentar do agregado. A venda de produtos agrícolas, de bebidas tradicionais, o salário de funcionários e a venda de artesanato, constituem as fontes de rendimento mais importantes para os agregados.

A actividade pecuária, especialmente a criação de bovinos, está em recuperação, com impacto directo na revitalização económica do distrito, contribuindo para o reforço da dieta familiar e dotando aos camponeses de meios auxiliares de produção.

O distrito dispõe de um número de furos que garantem o fornecimento de água a uma grande parte durante todo ano, mas o acesso a água é uma necessidade não totalmente satisfeita em algumas partes.

Já na fase da realização do trabalho de campo, constatou-se que instituições financeiras a operar no Distrito (Banco Internacional de Moçambique - BIM, Banco Comercial e de Investimento - BCI e Banco Austral), dificilmente concedem qualquer tipo de crédito, apesar da grande necessidade dos agentes económicos locais. A dificuldade de acesso ao crédito, motivada pelas elevadas taxas de juro praticadas, é um obstáculo á revitalização dos vários sectores produtivos. Alguns agregados, beneficiam de crédito informal, disponibilizado por amigos e/ou familiares.

As chuvas intensas que se registaram nos finais de 1999 e inícios de 2000 na região de África Austral, agravadas pela passagem do ciclone "Eline", causaram as piores inundações dos últimos 50 anos nas zonas sul e centro de Moçambique (INGC, 2000). A cidade de Xai-Xai foi severamente assolada por estas chuvas, que destruíram extensas áreas cultivadas, importantes infra-estruturas e habitações nas regiões periurbanas, e o sistema de drenagem nos machongos ficou também destruído.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

V.1. Introdução

O presente capítulo corresponde à sistematização e análise dos resultados obtidos no local de pesquisa com os camponeses membros dos grupos de camponeses ou de ajuda mútua, para além dos técnicos da ADCR e da Visão Mundial. As respostas destes, reflectem sobretudo as questões expostas no inquérito deste trabalho. Na fase da elaboração do inquérito foram definidas algumas rubricas para agrupar as respostas e facilitar a análise, desta forma na fase de tabulação via-se até que ponto a questão foi respondida. O pesquisador apresenta os dados na forma de tabelas ou em descrições, ou em opiniões dos membros para depois dar a sua análise e conclusões preliminares.

Como já foi dito, a análise dos dados foi feita com base nas teorias descritas no quadro teórico, através da comparação das respostas dos inquiridos, e para a análise da sustentabilidade dos projectos implementados pelas duas ONG's, foram escolhidos 2 critérios de Blunt & Warren e 5 critérios de Kanshahu.

O pesquisador trabalhou com um total de 8 grupos de camponeses, sendo 2 associações, 4 grupos de produtores e 2 grupos de ajuda mútua. Os 8 grupos de camponeses podem-se considerar organizações de produtores porque apresentam todas as características descritas por Vijfhuizen e Waterhouse (2001) para se classificarem como organizações (vide cap. II.1). Cada grupo tem seus objectivos, há interacção entre os membros do mesmo grupo e coordenação das actividades levadas a cabo para se atingirem os objectivos traçados, embora haja diferenças no funcionamento destes (como veremos mais tarde). Sendo assim, no debate que se segue serão considerados os 2 grupos de ajuda mútua² como sendo organizações tradicionais de ajuda mútua, os 4 grupos de Nhancutse³ serão as organizações locais de produtores, e os últimos 2 grupos da Visão Mundial seriam então as organizações de produtores formadas no âmbito de projectos de desenvolvimento rural. De referir ainda que 3 organizações locais de produtores de Nhancutse e as 2 organizações tradicionais de ajuda mútua são consideradas como sendo formas de auto-organização, porque foram formadas por iniciativa dos membros sem envolvimento do meio externo

² Estes grupos foram puramente formados para as actividades de ajuda mútua

³ Os grupos de Nhancutse, estão numa fase mais avançada que os primeiros dois grupos de ajuda mútua, mas também realizam as actividades de ajuda mútua

Com relação ao estatuto jurídico dos grupos e associações entrevistadas, legalizados só encontramos 2 de Nhancutse, nomeadamente a “Associação Agrícola de Nhancutse” e a “Associação Combate à Fome”. Estas organizações dispõem de um instrumento legal de identificação que lhes caracteriza como organizações formais. O resto das organizações são informais, carecendo de reconhecimento legal dos poderes públicos, mas são legítimas à comunidade a que pertencem.

A ADCR trabalha com 6 organizações das 8 entrevistadas, as quais foram formadas por iniciativa dos próprios membros e são autónomas, enquanto que as duas formadas por iniciativa da Visão Mundial (VM) no âmbito do programa pós emergência, são heterónomas (para os conceitos autónoma e heterónoma, vide o cap. II.2).

V.2. Identificação e Descrição das Diferentes Iniciativas Tradicionais de Auto-Organização na Comunidade Rural do Distrito de Xai-Xai

Para esta parte dos grupos formados no âmbito da ajuda mútua, o pesquisador trabalhou com dois grupos, um de Chongoene e outro de Tameleni (Nhokoene). O grupo de Chongoene existe desde 1986 e surgiu por iniciativa de um grupo de 5 membros que faziam ajuda mútua, enquanto que o de Tameleni surgiu em 1984 por iniciativa da dona Carolina que havia convidado as amigas para fazer trabalhos de ajuda mútua e no fim dos trabalhos decidiram formar o grupo de ajuda mútua. Actualmente o grupo de Chongoene tem 24 membros e o de Tameleni tem 26 membros. No total foram entrevistados 12 membros, sendo 6 por cada grupo. A relação entre homens e mulheres entrevistados assim como a sua idade, encontra-se no anexo 1.

Antes de entrar nestes, os membros já faziam ajuda mútua porque isto é uma tradição da zona e vem dos seus antepassados. A formação destes grupos assenta-se nas relações de amizade, de parentesco, de convivência comunitária e nos valores tradicionais. Os grupos têm laços fortes e relações inter familiares porque são praticamente formados por vizinhos, amigos e/ou familiares; não são apenas de carácter produtivo visto que os membros ajudam-se em questões de outras necessidades.

As formas de ajuda mútua identificadas pelo pesquisador no local de estudo não diferem das identificadas pelos outros autores que sempre se interessaram em trabalhar com este tipo de grupos. No terreno encontramos grupos que fazem tsuma, mafunana, e xitique.

Tabela 1: Formas de ajuda mútua identificadas no local de pesquisa e suas características

Item	Tsima	Cofunana	Xitique
1. Tipo de membros	- Masculino e feminino	- Ambos os sexos, mais ou menos do mesmo nível em termo de idade	- Ambos os sexos, desde que cumpra com os valores e prazos estabelecidos
2. Nº de membros	- Pequenos grupos com 5-10 membros	- Grupos com 2-30 membros	- Normalmente os grupos tem 2-10 membros
3. Origem	- É tradição, vem dos seus antepassados	- É tradição, vem dos seus antepassados	- É tradição, vem dos seus antepassados
4. Funcionamento	- Convidar vizinhos e/ou familiares para realizar o trabalho e no fim todos voltam para a casa da pessoa que convidou para comer e/ou beber o que foi preparado	- Funciona na base de um grupo fixo num sistema rotativo e permanente, até que todos membros se beneficiem da ajuda	- Funciona também na base de um grupo fixo, num sistema rotativo, até que todos se beneficiem
4. Periodicidade das actividades	- Realizado quando há necessidade de um trabalho rápido	- Realizam actividades durante todo ano	- Estipulam-se intervalos de dias/semanas/meses em que tem que ser entregue o dinheiro
5. Tipo de contribuição e proveitos	- Todos convidados contribuem em mão-de-obra e no fim recebem comida e/ou bebida	- Os membros contribuem em mão-de-obra e cada um também é retribuído em mão-de-obra num trabalho colectivo na sua machamba	- Os membros contribuem em dinheiro num montante fixo estabelecido que se entrega a uma pessoa o total, até cobrir todos membros

Nota: Para a informação na tabela acima, foram entrevistados 12 membros, sendo 6 por cada grupo

Nos vários grupos tradicionais de ajuda mútua, encontramos pessoas de ambos os sexos, sendo maioritariamente do sexo feminino para todos os tipos de ajuda mútua. Os membros que fazem parte do grupo são da mesma zona, sendo muitas vezes vizinhos, amigos e/ou familiares, e muitos antes de entrar no actual grupo já faziam parte de outros grupos pequenos que realizavam este tipo de actividades, aliás, até agora alguns membros fazem parte de outros grupos pequenos. Das entrevistas realizadas e através de observações no terreno, constatou-se que para “cofunana” apareciam tanto grupos de adultos como de jovens, e tanto num como no outro os membros eram do mesmo nível (em termos de idade), ao passo que nos outros tipos de ajuda mútua podiam aparecer

jovens, adultos e idosos. As suas machambas variam entre $\frac{1}{4}$ ha até 3 ha⁴. Esta tendência de separação na realização do “cofunana”, poderá influenciar negativamente no funcionamento dos futuros grupos, porque assim dificilmente os mais novos poderão aprender com os mais velhos para que tenham grupos com bases fortes. Há uma troca de acusações em que os adultos dizem que as jovens não gostam de trabalhar na agricultura e algumas que recebem remessas dos seus maridos na África do Sul preferem contratar a mão-de-obra. O pesquisador é da opinião que estas acusações não constituem grande problema, é só uma questão de mudar a mentalidade dos adultos para que aceitem nos seus grupos as jovens, para que estas práticas tenham futuro. Quando questionados da proveniência destes hábitos tradicionais os entrevistados disseram que estas práticas vem dos seus antepassados e que aprenderam com eles, é uma tradição deles e sempre fizeram isto. Quanto a esta questão, um membro do grupo de ajuda mútua de Tameleni, resumiu dizendo que quando nasceu encontrou a fazerem estas práticas, a sua mãe já fazia desde há muito tempo e aprendeu com ela. Por fim disse que esta é uma das formas que encontraram para se ajudarem.

A questão que podemos colocar é, se estes aprenderam com os seus antepassados, porque alguns jovens são excluídos nestas práticas? (mas isto não é grande problema). “Cofunana” e “Xitique” funcionam na base de um grupo fixo e num sistema rotativo e permanente durante todo ano (com excepção do mês de Dezembro para cofunana e tsima, considerado como o mês de descanso; período em que as famílias se preparam para as festividades de natal e ano novo), ao passo que “Tsimá” organiza-se quando há necessidade de um trabalho rápido, convidando-se os vizinhos e/ou amigos para realizar o trabalho. Para o pesquisador, cofunana é o sistema mais organizado e regular, quando comparado com os outros tipos de ajuda mútua. A formação dos grupos de cofunana e tsima, tem como finalidade principal a realização de trabalhos agrícolas, e aqui cada membro contribui em mão-de-obra na realização das actividades. A formação dos grupos (cofunana, tsima e xitique) é por iniciativa dos membros e caso a pessoa queira entrar terá que se submeter as regras de funcionamento. A tabela 2, dá-nos uma visão dos factores que levam os membros a formar os grupos de ajuda mútua.

⁴ O pesquisador procurou saber qual era o tamanho da machamba de cada entrevistado, foi à partir desta pergunta que se encontrou este intervalo

Tabela 2: Razões da formação dos grupos de ajuda mútua

Item	Nº de Entrevistado (N = 12)
1. Obter a inter-ajuda	12
2. Convívio e amizade	8
3. Ter dinheiro suficiente para atender as necessidades básicas	3

Como se pode ver da tabela acima, praticamente todos entrevistados (foram entrevistados 12 membros, sendo 6 por cada grupo), foram unânimes que entraram no grupo para obter a inter-ajuda, tanto na área da agricultura como em outras necessidades, 8 membros responderam que os grupos eram os pontos de convívio e amizade, porque assim construíam novas amizades e para o caso de tsima de facto há muito convívio durante o trabalho assim como no fim deste (no acto da realização das actividades na machamba os membros cantam e contam-se várias histórias), e 3 membros que curiosamente ainda praticavam o xitique (num outro subgrupo de 5 membros), disseram que haviam entrado para ter dinheiro suficiente para atender as suas necessidades básicas. Na verdade, esta clareza que os membros tem quanto as razões da formação dos grupos, influencia positivamente no funcionamento destes e há maior motivação dos membros em continuar unidos e a trabalhar porque os grupos não estão apenas preocupados na inter-ajuda nas machambas dos membros, mas também em caso de necessidade ajudam os membros ou mesmo outras pessoas da aldeia. Os camponeses sentem muita falta de mão-de-obra principalmente na época da limpeza das machambas e para os que não tem condições de contratar, conseguem ter acesso fazendo parte do grupo.

Vantagens e o Futuro da Ajuda Mútua

Os entrevistados praticantes de ajuda mútua apontam como a principal vantagem a rapidez com que se faz um determinado trabalho agrícola em pouco tempo. Para o caso do xitique eles dizem que a pessoa que recebe o dinheiro pode comprar alimentos da primeira necessidade, comprar roupa e usar uma parte do dinheiro para contratar a mão-de-obra e atender situações da casa ligadas a saúde e educação. Os grupos de ajuda mútua não são apenas de carácter produtivo, servem também para a construção de redes de solidariedade e a inter ajuda também estende-se para casos de falecimento, doença, construção de casas, etc. Não foram apontadas desvantagens desta prática, só que alguns membros reclamaram o facto de haver diferenças na forma de trabalhar em algumas machambas. Alguns membros trabalham bem nas machambas das pessoas com quem tem mais afinidade ao passo que nas outra machambas não se empenham bastante. Um outro ponto que poderá contribuir

negativamente na união dos membros é a fraca produtividade dos solos, que leva com que alguns deixem de realizar os trabalhos agrícolas, entrando em negócios para a sua sobrevivência. Quando questionados sobre os problemas que podiam resultar da diferença no tamanho da machamba, os entrevistados disseram que não têm problemas quanto a isso, porque trabalham mais com o tempo. Em cada machamba onde vão, as actividades começam às 6 horas e terminam às 10 horas. Os entrevistados dizem que estas práticas tradicionais tem futuro e que sempre serão realizadas. Os membros dizem que a realização destes hábitos é uma tradição, sozinho não se trabalha bem. Muitos estão unidos e fazem esta actividade por mais que não seja um grupo grande.

Actualmente, maior parte dos entrevistados só realizam cofunana por ser uma simples ajuda que não envolve custos, e uma pequena parte (3 entrevistados que faziam parte de um outro grupo de crédito e poupança de 5 membros) ainda realizavam xitique; mas antes das cheias⁵ faziam-se todas as formas de ajuda mútua. A razão da realização principalmente do cofunana, prende-se nas dificuldades de produzir, porque depois das cheias as condições de produção deterioraram-se, tanto nos machongos como na serra os rendimentos baixaram drasticamente e assim é difícil preparar tsuma/xitique. Os poucos que realizam xitique são os que possuem alguma capacidade financeira. Contudo, eles garantem que as outras formas serão retomadas logo que as condições de produção melhorarem, muito mais nos machongos. Eles confiam mais os machongos porque na serra o solo é arenoso e dificilmente obtém-se bons rendimentos.

O grupo de Chongoene aparenta não ser coeso em relação ao de Tameleni/Nhokoene o mais unido na óptica do pesquisador. Até Março de 2002 todos membros do grupo de Tameleni apareciam nas reuniões e realizavam as actividades colectivas, ao passo que os do grupo de Chongoene uma pequena parte é que ainda realizava as actividades de ajuda mútua como resultado da fraca produtividade dos solos, preferindo assim fazer negócios.

Como já foi dito, as mais elevadas taxas de participação nas práticas de ajuda mútua verificam-se na zona Sul do país, daí que podem aparecer vários grupos como estes (de Chongoene e Tameleni) nesta zona. Um dos trabalhos dos técnicos das instituições que queiram implantar os seus projectos, seria de procurá-los ou pedir ajuda à outras instituições que trabalham nas zonas onde o projecto vai ser implementado, para que juntos consigam identificar os grupos existentes, e aproveitem o que estes têm para contribuir para o sucesso dos projectos.

⁵ Nos finais de 1999 e início de 2000, registaram-se intensas chuvas na região da África Austral que foram agravadas pela passagem do ciclone 'Eline', causando as piores inundações dos últimos 50 anos nas zonas Sul e Centro do país.

V.3. Organizações Locais de Camponeses Identificadas na Aldeia de Nhancutse

Esta parte do estudo decorreu na aldeia de Nhancutse que se localiza à 30 Km da cidade de Xai-Xai em direcção ao distrito de Chibuto (vide o mapa anexo). Esta aldeia tem cerca de 2000 famílias. A escolha desta aldeia deveu-se às características e génese dos próprios grupos que seriam estudados, estes foram criados por iniciativa dos membros do grupo e no debate que se segue mostram-se alguns pontos que levam os grupos a resistir às diversas mudanças e catástrofes que foram ocorrendo o longo do tempo. Nesta aldeia, existem 4 grupos desta natureza e o pesquisador fez questão de conversar com alguns membros de cada grupo. No total foram entrevistados 24 membros, sendo 6 por cada grupo. A relação entre homens e mulheres entrevistados assim como a sua idade, encontra-se no anexo 1.

a) Associação Agrícola de Nhancutse

História

No início era uma cooperativa que foi formada em 1975. Foi no âmbito da política da Frelimo, em que as pessoas foram mobilizadas a formar a cooperativa. Logo após a sua formação muitos membros ingressaram na cooperativa chegando a atingir 280 membros, mais tarde maior parte viria a abandonar porque os propósitos da criação não era visíveis. Tanto a primeira como a segunda direcção teve problemas de gestão de fundos, e em 1983 foi eleita a “mamã” Rosalina Siteo para o cargo de presidente da cooperativa.

Chegou uma fase em que muitas cooperativas entraram em crise porque o governo tinha deixado de dar apoio, muitos membros abandonaram e ficou uma pequena parte que ainda tencionava continuar a produzir. A presidente da cooperativa e o grupo traçaram planos para dar continuidade a cooperativa e o processo produtivo, porque já sabiam qual era o valor de estar unido⁶. Até finais de 1997 a cooperativa tinha apenas 10 membros (9 do sexo feminino e 1 do sexo masculino). Em 1999 a cooperativa foi legalizada em associação, houve algumas melhorias e algumas pessoas entraram.

Funcionamento

Os membros trabalham na machamba colectiva, nas individuais e limpam as valas. Tanto na machamba colectiva como na limpeza das valas trabalha-se nas 2^{as} e 6^{as} feiras. O grupo é

⁶ Maior parte dos membros que haviam ficado já faziam parte de um grupo de ajuda mútua que existia antes da formação da cooperativa

subdividido em duas partes dando-se maior atenção aos idosos e as mulheres que amamentam vão para a machamba colectiva e o resto vai para a limpeza das valas, incluindo os que trabalham na área e não fazem parte da associação.

A machamba colectiva tem 1,5 ha. Lá cultiva-se milho e hortícolas, que se destinam a venda e o dinheiro vai para os fundos da associação. Este dinheiro é para o pagamento de quotas da associação e ajuda aos membros, em caso de necessidade. Na machamba individual cada um trabalha sozinho, não há ajuda mútua. A ajuda mútua fazia-se antes das cheias (verificadas nos finais de 1999 e início de 2000), agora os membros dizem não ter condições porque algumas actividades de ajuda mútua envolvem custos económicos. A Associação tem estatutos, mas não tem título de propriedade de terra da sua machamba colectiva, nem títulos individuais.

Liderança

Actualmente, a associação tem 1 presidente, 1 vice-presidente e 1 secretária no activo (a direcção é constituída por membros do sexo feminino). Como está em crescimento viu-se que havia necessidade de aumentar o número de membros da direcção. Foram admitidos mais 3 membros só que ainda não foram definidas claramente as tarefas. O grupo tem 25 membros dos quais 21 são do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

b) Associação Combate à Fome

História

A associação Combate à Fome surgiu em 1996. A distribuição das terras férteis do vale do Limpopo (machongos) estavam a cargo da comissão agrária. Esta não conseguia gerir as terras, estavam inundadas e não se podia produzir. Um grupo de sete pessoas esteve na abertura de uma vala e viu que trabalhando em grupo era mais vantajoso, então pensaram em criar o grupo "Combate à Fome" com o fim de cuidar das suas parcelas e produzir alguma coisa para a auto-suficiência. Os primeiros contactos foram feitos em 1995 e o grupo formou-se em 1996. No princípio o grupo tinha 15 membros. Mais tarde (em 1999), com ajuda da ADCR e ORAM o grupo foi legalizado em associação e transformou-se em "Associação Combate à Fome".

Funcionamento

Os membros trabalham na machamba colectiva, limpeza das valas e nas machambas individuais. Na machamba colectiva trabalha-se duas vezes por semana e se houver necessidade pode ser mais que

duas semanas na machamba colectiva. A machamba colectiva tem 2 há e cultiva-se milho, bananeiras e hortícolas (cebola, tomate, couve e alface), os produtos destinam-se à venda, o dinheiro vai para o fundo da associação. Existe uma contribuição mensal acordado em 5.000,00 MT que começou no mês de Janeiro do presente ano (2002), para garantir o pagamento das quotas da associação. Nas machambas individuais cada um trabalha sozinho. A associação tem estatutos e título de terra numa área de 130 ha localizadas nos machongos.

Liderança

A associação tem 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 secretário, 1 tesoureira e 1 chefe dos assuntos sociais (apenas a tesoureira é do sexo feminino). Agora, o grupo tem 24 membros dos quais 15 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

c) Grupo Futuro Melhor

História

O grupo Futuro Melhor surgiu em Novembro de 2000. Antes, havia um grupo chamado “Boa Esperança” que realizava algumas actividades de ajuda mútua principalmente “cofunana”, este grupo, foi então a génese do actual grupo. A iniciativa da criação deste grupo surge como resultado da falta de entendimento entre os membros e a direcção do grupo “Boa Esperança”, e pelos trabalhos que viam nos outros grupos organizados como é o caso da “Associação Combate à Fome”.

No início o grupo tinha apenas 5 membros todos do sexo masculino, depois apareceram mais e actualmente são 36 membros dos quais 18 são do sexo feminino e 18 do sexo masculino. As primeiras impressões da criação do grupo surgiram numa conversa na limpeza da vala. Foi da iniciativa de um grupo de três pessoas nomeadamente o senhor Salvador Mondlane (actual presidente), senhor Bernardo Bila (vice-presidente) e a mamã Sara.

Funcionamento

Os membros trabalham na machamba colectiva, individual e na limpeza das valas. A machamba colectiva tem 1,5 ha e trabalha-se nas 2^{as} e 6^{as} feiras. A limpeza das valas também é feita nos mesmos dias (2^{as} e 6^{as}). O grupo é subdividido em duas partes, uma vai para a limpeza das valas (os mais activos) e os idosos vão para a machamba colectiva. Os não membros (que trabalham na mesma área e que não fazem parte do grupo) também vão neste dia para a limpeza das valas. Em

casos de membros e não membros idosos ou que apresentam queixas de não poder trabalhar na vala, vão para a machamba colectiva porque lá os trabalhos são moderados.

Na machamba colectiva cultiva-se milho, batata doce, bananeiras e hortícolas (cebola, tomate, couve e alface), os produtos destinam-se à venda e o dinheiro fica sob responsabilidade do tesoureiro. Os membros pensam em depositar se conseguirem uma boa quantia, mas ainda o dinheiro é pouco e uma parte é usado para a compra de sementes de hortícolas. Na machamba individual cada um trabalha sozinho e às vezes formam pequenos grupos de 4-5 membros para uma simples ajuda mútua (cofunana).

Liderança

O grupo tem 1 presidente, 1 vice presidente, 1 tesoureiro e 1 secretário (a direcção é composta por apenas membros do sexo masculino). Ainda não tem estatutos nem título de terra da sua machamba colectiva nem títulos individuais

d) Grupo Enxada na Mão

História

O grupo "Enxada na Mão" surgiu em 2001. Ficaram de longe a ver os grupos existentes como trabalhavam e que resultados tinham. Viram que eram bons resultados e um grupo de 5 pessoas reuniu-se e decidiu criar o grupo porque acharam que trabalhando em grupo fariam mais trabalho em menos tempo. Este grupo surge na sequência do melhoramento dos trabalhos individuais, viu-se que o trabalho colectivo era melhor que o trabalho individual. Actualmente o grupo conta com 25 membros dos quais 19 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

Funcionamento

Os membros trabalham na machamba colectiva e limpeza das valas, e cada um trabalha na sua machamba. Os trabalhos seguem um programa traçado. Há dias marcados para a limpeza de valas, machamba colectiva e individuais. As 2^{as} e 6^{as} feiras são datas reservadas para a limpeza das valas, enquanto que nas 2^{as} e 4^{as} feiras trabalha-se na machamba colectiva. Nas 2^{as} feiras o grupo é subdividido em duas partes: uma parte, vai para a machamba colectiva e outra para limpar as valas, na semana seguinte trocam. As 3^{as} e 5^{as} e sábado são os dias reservados para os trabalhos nas machambas individuais.

A machamba colectiva tem 2 ha e lá cultiva-se milho, tomate, couve, repolho cebola, hortaliça e ramas de batata. Todos os produtos destinam-se à venda e aquisição de sementes para os membros. O dinheiro resultante é para o fundo do grupo e uma parte é usada para a compra de sementes (ex. sementes de hortícolas). Desta maneira os membros pensam em atender alguns problemas sociais como falecimentos, doenças, etc. O grupo de 25 membros foi subdividido em subgrupos de três a cinco membros cada, cada subgrupo tem um chefe e realizam uma actividade de inter ajuda nas machambas individuais de cada membro (matsone). Este é o grupo mais novo.

Liderança

O grupo tem 1 presidente, 2 vice-presidentes (apenas 1 vice-presidente é do sexo feminino), mas ainda estes não têm actividades claras para realizar nem foram estabelecidos outros novos cargos por ser novo o grupo. Ainda não tem estatutos nem título de terra.

Nota: Uma associação e dois grupos (Associação Agrícola de Nhancutse e os grupos Futuro Melhor e Enxada na Mão), realizam as suas actividades de limpeza das valas nas 2^{as} e 6^{as} feiras. O pesquisador procurou saber se havia uma coordenação entre eles na realização desta actividade e eles disseram que era uma simples coincidência, mas de vez em quando coordenavam para a limpeza da vala principal (isto raras vezes acontece). A gestão da limpeza das valas esteve a cargo da Comissão Agrária, só que esta teve má gestão das infra-estruturas que dispunha, daí que alguns membros que faziam parte desta decidiram formar os seus grupos, passando a serem independentes. Portanto, cada grupo é responsável pela limpeza das valas na sua área de trabalho, mesmo os que camponeses que trabalham na área de uma associação/grupo e não façam parte deste, trabalham também nos mesmos dias para a limpeza das valas. Aliado a isto, o pesquisador observou que não havia uma grande aproximação entre os grupos, na tentativa de se juntarem e em comum procurarem soluções para os seus problemas, havia uma tendência de cada grupo falar mal do outro (o pesquisador notou isto através de observações e conversas informais).

V.3.1. Iniciativa da Formação dos Grupos

As origens dos grupos são diversas e surgiram devido a determinadas circunstâncias. Três grupos aquando do surgimento foram denominados de "grupo", dos quais, um mais tarde legalizou-se em associação (Associação Combate à Fome), enquanto que a Associação Agrícola de Nhancutse começou como "Cooperativa Agrícola de Nhancutse". A tabela seguinte mostra quais foram os pioneiros para formação dos grupos.

Tabela 3: Iniciativa da formação dos grupos de Nhancutse**N = 24 (6 por grupo)**

Assoc./Grupo Item	Assoc. Agrícola de Nhancutse	Assoc. Combate à Fome	Grupo Futuro Melhor	Grupo Enxada na Mão
Presidente		6		3
Um grupo de 3-5 pessoas incluindo o presidente			4	3
A Frelimo	6			
O entrevistado não sabe			2	
Total	6	6	6	6

Da tabela acima pode-se ver que 3 grupos são de natureza endógena (Associação Combate à Fome, grupo Futuro Melhor e o grupo Enxada na Mão), surgiram por iniciativa de um pequeno grupo de membros⁷ e não houve influência externa. Os membros pensaram em formar os grupos após um trabalho colectivo onde viram quais eram as vantagens do trabalho em grupo, ou observaram de longe os trabalhos dos outros grupos, tendo decidido depois criar um grupo deles, enquanto que o grupo mais antigo (Associação Agrícola de Nhancutse) teve uma origem exógena, surgiu com a entrada do Partido Frelimo como resultado da política seguida na altura. Mais tarde, na fase em que muitas cooperativas entraram em crise, tinham restado poucos membros, sendo maioritariamente do sexo feminino que traçaram o destino do grupo. Pelo menos 3 entrevistados de cada grupo, conhecem quem teve a iniciativa de criar o grupo, ao passo que dois membros entrevistados do grupo Futuro Melhor não conhecem. Quando questionados da razão do não conhecimento disseram que acabavam de entrar no grupo e não se mostraram interessados em conhecer a pessoa/grupo que teve a iniciativa de formar o grupo. Neste tipo de grupos (os três novos), os objectivos são clarificados logo no início e caso a pessoa queira entrar no grupo terá que se submeter à sua filosofia.

Como já foi dito, Beaudoux & Nieuwkerk (1985) realçam a necessidade de reconhecimento e valorização destas iniciativas locais porque podem servir de base sólida para os programas de desenvolvimento rural. Este tipo de grupos formados por iniciativa dos membros da comunidade podem ter um bom funcionamento quando comparado com o dos grupos formados por natureza exógena. Os membros comungam os mesmos objectivos (objectivos do grupo em si, pois que cada

⁷ Para a Associação Combate à Fome, a iniciativa foi do presidente e mais tarde reuniu-se com um grupo de 4 pessoas para comunicar e em conjunto viram que havia necessidade de formar um grupo

montagem de campos de ensaio, demonstração e multiplicação de ramas de batata doce. Os técnicos têm organizado dias de campo em que todos camponeses vão aprender as diversas técnicas e por sua vez montam os seus campos de multiplicação de ramas, também neste acto, explica-se ao camponês a necessidade de planificar as actividades. O pesquisador considera de positiva esta metodologia porque assim o camponês aprende "in loco" as técnicas e facilmente retém as mensagens transmitidas devido a combinação de ver, ouvir e experimentar. Assim pode-se esperar que no futuro ele possa dar continuidade do processo produtivo. O objectivo deste projecto é de transmitir técnicas de cultivo que possam melhorar o rendimento e garantir a SA. Isto passa necessariamente pelo empenho do próprio grupo alvo, pois que a VM dá pouco apoio material e muito apoio técnico, estando o grupo responsável pela multiplicação do material dado.

A VM é uma das instituições que vinha com a filosofia de formação de grupos para a implantação dos seus projectos de desenvolvimento rural, mas o pesquisador identificou que em Nhancutse, esta instituição usa os mesmos grupos que trabalham com a ADCR. Quando questionado, o técnico disse que actualmente há uma tendência de mudança de filosofia, porque tiveram uma experiência negativa uma vez que os grupos formados não eram funcionais.

Mais adiante, ele disse-nos que actualmente está em curso um programa de identificação dos grupos existentes e formados por iniciativa da comunidade, cada técnico tem esta missão na sua área de trabalho (um trabalho idêntico ao que é realizado pela ADCR).

Este pode ser um dos problemas que a VM teve nas suas incursões de formação de grupos e é de louvar bastante esta tendência de mudança de filosofia que tiveram porque o uso de grupos resultantes dos hábitos tradicionais de ajuda mútua como de outra natureza mas que surgem por iniciativa dos próprios membros, seria ideal para a implantação de projectos sustentáveis, uma vez que alguns destes grupos existem desde há muito tempo, tem laços fortes e estão preocupados em produzir. Esta posição é reforçada por Massingarella e van Vugt (2001) que afirmam que as formas tradicionais de organizações podem ser a base para um desenvolvimento rural sustentável.

V.5. Organizações de Produtores Formadas no Âmbito de Projectos de Desenvolvimento Rural

A parte concernente a este tipo de organizações foi realizada nas aldeias de OMM e Chiconela, onde se procuraram organizações que haviam sido criadas pela Visão Mundial, para participar em projectos de desenvolvimento rural. Com a escolha deste tipo de grupos, o pesquisador pretendia mostrar se estes podem ou não ser usados para a implantação de projectos sustentáveis. A aldeia da OMM tem cerca de 1000 famílias e localiza-se à 2 Km do posto administrativo de Chicumbane, enquanto que a de Chiconela com também cerca de 1000 famílias, está à 4 Km do mesmo. Em cada aldeia, identificou-se 1 grupo desta natureza e o pesquisador fez questão de conversar com alguns membros de cada grupo. No total foram entrevistados 12 membros, sendo 6 por cada grupo. A relação entre homens e mulheres entrevistados assim como a sua idade, encontra-se no anexo 1. Os grupos com os quais o pesquisador trabalhou, praticamente tem as mesmas características e génese, daí que preferiu agrupá-los na descrição. De referir que dos dois grupos nenhum é legalizado e nem têm processos de legalização iniciados.

Grupo Zona Verde da OMM e Sessemuka de Chiconela

História

O dois grupos surgiram em 2001. A VM em coordenação com as estruturas do bairro convocaram uma reunião onde todos foram e formou-se o grupo para receber ajuda desta instituição, foi num programa de emergência pós cheias. No início a VM pediu para que cada grupo tivesse 100 membros. As pessoas iam receber apoio na área da agricultura e pecuária.

Até Março de 2002, o grupo da OMM tinha 20 membros, enquanto que o de Chiconela tinha 15 membros (membros que ainda apareciam nas actividades e encontros). Muitos abandonaram porque o projecto da VM terminou em Dezembro de 2001. Os membros estavam lá para receber apoio, depois de terminar já os membros não participam nos trabalhos colectivos mas ainda mantêm os seus nomes na lista com o fim de se beneficiarem de qualquer apoio caso apareça.

Funcionamento

A quando da formação do grupo a VM disse que queria montar um campo de multiplicação da semente (ramas de batata) para cada grupo e que eles tinham que fazer um curral colectivo para receber animais (gado bovino e caprino), seria um simples oferta. Muitas pessoas entraram no

grupo. Daí que se formou a machamba colectiva onde estava o campo de multiplicação de sementes para mais tarde serem distribuídas aos membros.

Liderança

Para os dois grupos a definição da direcção ficou a cargo da VM. Esta instituição depois de manter os contactos com as estruturas do bairro, pediu para que fossem seleccionadas 3 pessoas que iriam fazer um curso em Chicumbane, sobre algumas técnicas de produção e de cuidar o gado (a selecção dos 3 membros foi feita pela estrutura do bairro sem consultar os membros). Mesmo o presidente foi nomeado lá aquando da realização do curso. A direcção é constituída por 3 membros, sendo 1 presidente e duas vice presidentes que são as responsáveis na área da agricultura

V.5.1. Iniciativa da Formação dos Grupos

Os grupos são de natureza exógena, isto é, foram formados pela iniciativa da VM porque eles queriam dar o apoio em grupo na tentativa de formar um campo de multiplicação de sementes onde todos mais tarde podiam aproveitar, visto que seria difícil ter que se distribuir individualmente. Os entrevistados disseram que, para além das ramas de batata, receberam semente de milho, amendoim e feijão (uma simples oferta). Também, a VM trouxe algumas árvores de fruta como laranjeiras, socas de banana, estas foram vendidas, cada plantinha custava 500 meticais. Além disto, esta organização (VM) trouxe gado bovino e caprino, de princípio haviam dito que seria uma simples oferta, mas quando chegou o “momento da verdade” optou-se pela venda, uma cabeça de gado bovino custava 3 milhões de meticais enquanto que a do gado caprino estava a 100 mil meticais. A VM disse que o valor usado na venda era simbólico e que era para cobrir alguns custos de transporte. O apoio não deu os resultados esperados porque depois da sementeira houve seca e perdeu-se tudo.

V.5.2. Objectivos dos Grupos da Visão Mundial

Tabela 10: Objectivos dos grupos da VM

N = 12 (6 por grupo)

Objectivo	Grupo da VM da aldeia OMM	Grupo da VM da aldeia de Chiconela
1. Receber apoio da Visão Mundial	6	6
2. Formar uma machamba e um curral colectivos	3	1
3. Ter acesso à semente proveniente da machamba colectiva	2	3

Os 12 membros entrevistados dos grupos da VM disseram que os grupos foram formados com o objectivo principal de receber apoio da VM, porque eles haviam perdido os seus bens. A VM prometeu dar o apoio e traçou um plano de abertura de uma machamba e curral colectivo para cada grupo, que seriam os celeiros dos beneficiários com o fim do apoio. Os membros iriam trabalhar nas suas machambas colectivas para conseguir a semente para as suas machambas individuais e/ou mesmo dar continuidade do processo produtivo na machamba colectiva. Assim como para o curral colectivo, caso os animais se reproduzissem seriam criadas condições para que cada membro inscrito¹⁰ tivesse acesso a um par de animais. Na verdade, as expectativas esperadas tanto por parte na VM como dos beneficiários não foram alcançadas, por um lado, isto pode ser o reflexo da falta de empenho do próprio grupo alvo e por outro, a falta de acompanhamento das actividades por parte dos técnicos da VM afectos aos grupos. Após a recepção das sementes, alguns membros semearam e outros consumiram, uma vez que haviam mentalizado que iam receber mais apoio. Mesmo para os que semearam não tiveram resultados positivos porque as condições de produção não eram das melhores.

Podemos assumir que os objectivos traçados logo na formação dos grupos influenciaram negativamente no desempenho destes porque os membros estavam esperançosos em receber mais apoio da VM não se preocupando com o processo produtivo. A não clarificação dos objectivos e regras de funcionamento do grupo, por parte da VM, influenciou no mau funcionamento dos grupo, porque as pessoas entraram por uma necessidade que era de receber apoio, mas não se preocuparam com os frutos do apoio nem da necessidade de continuar a produzir, para o caso das árvores de fruta em algumas casa é possível encontrar.

¹⁰ O grupo de 100 membros, mais tarde foi subdividido em dois, um que seria responsável na área de pecuária e outro na agricultura. Os beneficiários seriam os mesmos que estejam naquelas áreas

V.5.3. Razões da Entrada no Grupo e Influência da Heterogeneidade dos Membros

O pesquisador falou com 12 membros (6 por cada grupo), tanto os que até agora aparecem e não aparecem. Um membro do grupo de Chiconela resumiu bem quanto as razões da entrada destes nos grupos ao afirmar que como era um tempo de fome, quando ouviram que era para receber apoio, correram para entrar na associação. No princípio eram muitos mas como o fim do projecto da VM só ficaram cerca de 20 membros e nos trabalhos da machamba colectiva que são realizados uma vez por semana aparecem em média 15 pessoas.

Todos entrevistados foram unânimes que entraram no grupo para receber apoio porque caso não fizesse parte não teria acesso ao apoio. Por isso que com o fim do projecto da VM em Dezembro de 2001, muitos membros abandonaram e os que ficaram não mostram ter um espírito de união para continuar com o processo produtivo, condicionando o aparecimento de mais apoio por parte de outras instituições ou mesmo da VM para que os grupos continuem a existir e a produzir. Havendo estes condicionalismos, não podemos esperar que estes grupos sejam capazes por si procurar soluções para reduzir o sofrimento.

O pesquisador é da opinião que na formação de grupos com promessas de um apoio financeiro/material, as pessoas trabalham na base do estímulo que vão receber no fim do trabalho e não se interessam com os objectivos preconizados, nem dos resultados da formação do grupo, nem de uma possível continuidade do processo produtivo após o término do apoio. Daí que este tipo de grupos não são funcionais para a implantação de projectos sustentáveis, os membros tem uma atitude apática e não são criativos esperando sempre por um apoio mesmo para pequenos problemas que internamente podem ter solução.

V.5.4. Visão dos Grupos da VM para o Futuro

Tabela 11: Visão dos grupos da VM

N = 12 (6 por grupo)

Visão \ Grupo	Grupo da VM da aldeia OMM	Grupo da VM da aldeia de Chiconela
1. Produzir para a auto-alimentação e possível venda do excedente	3	4
2. Ter acesso à semente proveniente da machamba colectiva	4	3
3. Criar um fundo do grupo	2	
4. Dividir o dinheiro entre os membros caso consigamos um valor elevado	1	

Tanto como qualquer pessoa, os membros dos grupos da VM tem visões para o futuro. Pelo menos 3 membros entrevistados de cada grupo, pensam em lutar contra a pobreza no futuro produzindo para a auto-alimentação e possível venda do excedente para a satisfação de outras necessidades básicas. Mais ainda, 3 ou mais membros entrevistados de cada grupo, pensam que o problema da escassez da semente, poderia ser ultrapassado com a formação da machamba colectiva e melhoria das condições de produção. Os membros queixam-se tanto das condições climáticas e de produção que não são tão favoráveis para produzir, mas eles dizem que caso as condições de produção melhorem estão apostados em trabalhar para atingir as suas visões futuras.

A questão que podemos colocar é de saber se estes irão empenhar-se bastante no processo produtivo esperando menos pelo apoio externo. Esta primeira fase de apoio, não irá contribuir negativamente para o sucesso de futuros projectos?¹¹

Para o pesquisador, o alcance das visões no futuro passa por uma mudança da mentalidade apelando-se ao trabalho, com vista a se reduzir a condição de apatia em que se encontram a trabalhar, e para o seu bem estar. Não basta termos visões sem trabalhar, porque dificilmente podemos atingi-las. Notou-se haver um interesse dos membros em conseguir facilmente qualquer apoio que aparecer, situação que segundo eles poderá ser alcançada mantendo os seus nomes na lista, daí o grande risco de usar este tipo de grupos para projectos de desenvolvimento rural sustentáveis.

¹¹ A filosofia usada de "dar simplesmente o peixe", poderá ter levado a população para uma situação de apatia.

V.5.5. Destino do Grupo Após o Término do Apoio

O destino do grupo após o término do apoio, é uma questão que não tem sido discutida ao nível dos grupos criados pela VM, pois que os membros não se mostram interessados na sua continuidade. Os membros dão a condição da existência do apoio para que os grupos continuem a existir e a trabalhar. A questão que podemos colocar é se de facto caso haja apoio os grupos vão trabalhar com vista a dar continuidade do processo produtivo. Isto é o reflexo de como o grupo foi criado e quais eram os objectivos. Os membros entravam para satisfazer as suas necessidades actuais, sem se preocupar com o futuro, um aspecto que contribuiu negativamente para a continuidade do grupo com o fim do apoio em Dezembro de 2001. A continuidade do grupo é uma das condições para a sustentabilidade do projecto, admitindo-se que com este acontecimento os membros estarão empenhados no processo produtivo, respeitando as condições específicas para tal¹². Nas condições em que os grupos da OMM e Chiconela encontram-se, podemos afirmar que seria muito arriscado usar estes grupos para a implantação de projectos sustentáveis. Havendo necessidade de usar estes grupos, terá que se fazer um trabalho de sensibilização e mudança de mentalidade dos membros apelando-os ao trabalho e não cruzar os braços esperando pelo apoio.

¹² O processo produtivo terá que ir ao encontro das condições específicas no que respeita a sua sustentabilidade.

V.6. Comparação e Análise do Funcionamento das Organizações Camponesas que Surgiram dos Grupos Tradicionais de Ajuda Mútua/ Por Iniciativa da Comunidade com as Formadas no Âmbito de Projectos de Desenvolvimento Rural da VM

Das abordagens acima feitas podemos afirmar que as organizações tradicionais ou formadas por iniciativa dos membros da comunidade diferem das organizações formadas por iniciativa de instituições com actividades visando o desenvolvimento rural. Aqui será tomada em consideração os grupos existentes na OMM e Chiconela para ver se podem ou não ser aproveitados na implantação de projectos de desenvolvimento rural. Em seguida são mostrados alguns pontos que consideramos ser mais salientes na diferenciação dos dois tipos de organizações.

a) Génese do grupo

Os grupos de Nhancutse quando comparados com os da OMM e Chiconela tem diferentes origens e estas tiveram influência no seu funcionamento.

Tabela 12: Origem dos grupos

Origem \ Aldeia	Nhancutse (N = 24)	OMM e Chiconela (N = 12)
1. Por iniciativa dos membros do grupo	16 (67%)	
2. Por iniciativa da Visão Mundial		12 (100%)
3. Por iniciativa d Frelimo	6 (25%)	
4. Não sabe	2 (8%)	

Da tabela acima (tabela 12), pode-se ver que 67% dos entrevistados de Nhancutse dizem que os seus grupos surgiram por iniciativa dos próprios membros; 25% dos entrevistados que curiosamente pertencem a Associação Agrícola de Nhancutse, dizem que o grupo foi formado por iniciativa da Frelimo (só que mais tarde, na época em que muitas cooperativas entraram em crise, decidiu continuar com o grupo sem o apoio do estado), e 8% dos entrevistado não sabem quem teve a iniciativa de formar o grupo. Todos entrevistados das organizações de produtores encontradas na aldeia da OMM e Chiconela, disseram que os grupos foram formados por iniciativa da VM num programa de emergência pós-cheias.

Como já foi dito, Beaudoux & Nieuwkerk (1985) mostram que aparentemente as organizações que nascem por iniciativa da própria população, são mais activas, quando surgem problemas procuram novas actividades e esperam menos apoio externo. É necessário que se reconheçam e valorizem estas iniciativas locais porque podem servir de base sólida para os programas de desenvolvimento rural. Esta posição de Beaudoux & Nieuwkerk, também é compartilhada por Blunt & Warren (1996), que dizem que em muitas aventuras de desenvolvimento é mais eficaz trabalhar com organizações existentes de modo a fortalecer a sua capacidade de levar a cabo actividades de desenvolvimento que reflectem os problemas prioritários identificados dentro da comunidade pelo grupo alvo, do que estabelecer uma nova organização. Tomando em consideração a génese dos grupos, podemos dar uma nota em jeito de conclusão que os grupos de Nhancutse apresentam características úteis para a implantação de projectos de desenvolvimento rural, enquanto que os da OMM e Chiconela não são ideais para a implantação de projectos sustentáveis.

b) Razões da Entrada nos Grupos

Tabela 13: Razões da entrada dos membros nos grupos

Item	Aldeia	Nhancutse (N = 24)	OMM e Chiconela (N = 12)
1. Realizar actividades em menos tempo		7 (29%)	
2. Reduzir a dureza do trabalho		7 (29%)	
3. Conseguir inter ajuda		5 (21%)	
4. Facilitar a maneira de trabalhar		4 (17%)	
5. Troca de experiência		1 (4%)	
6. Receber apoio da VM			12 (100%)
Total		24 (100%)	12 (100%)

Na tabela acima (tabela 13), vê-se que existe uma clara diferença quanto as razões da entrada no grupo. Enquanto que em Nhancutse, as razões apresentadas são meramente ligadas à produção, em Chiconela e OMM os membros entraram no grupo para receber apoio da VM. Praticamente, logo à prior temos dois grupos diferentes, um com fins produtivos e outro com fins de receber apoio, mas que não está necessariamente preocupado com o processo produtivo. O estímulo é o factor vital para a entrada e permanência dos membros no grupo, o que faz com que os beneficiários sejam menos criativos na procura de melhores soluções; com o fim deste praticamente volta-se a estaca zero, daí o grande perigo em usar este tipo de organizações (como as da OMM e Chiconela), para a implantação de projectos de desenvolvimento rural sustentáveis.

c) Funcionamento do Grupo

A tabela seguinte ilustra as divergências existentes entre os dois tipos de organizações, quanto a melhoria ou não no funcionamento do grupo.

Tabela 14: Opinião dos membros quanto ao funcionamento do grupo

Item	Aldeia	Nhancutse (N = 24)	OMM e Chiconela (N = 12)
1. Houveram mudanças e o funcionamento do grupo tem vindo a melhorar		20 (83%)	3 (25%)
2. Não houveram mudanças significativas		4 (17%)	9 (75%)

Da tabela acima (tabela 14) pode se ver que 83 % dos entrevistados de Nhancutse, têm um pensamento positivo, mostrando que alguma coisa mudou com a entrada no grupo e que o funcionamento dos grupos tem vindo a melhorar com o andar dos anos, justificando que dia após dia adquirem novos conhecimentos que contribuem para tal situação, ao passo que 17% destes, disseram que não houveram mudanças significativas. De facto era de esperar que as últimas enxurradas (de finais de 1999 e início de 2000) influenciariam negativamente no funcionamento, mas na verdade não é isso o que está acontecendo porque os grupos estão “maduros”, por um lado, como resultado dos esforços da ADCR que lhes motiva a trabalhar e por outro, pela vontade dos próprios membros em trabalhar, visto que só assim podem alcançar os objectivos que traçaram. 75% dos entrevistados que fazem parte dos grupos da VM, disseram que não houveram mudanças significativas porque o apoio não deu os resultados esperados e assim não conseguem satisfazer as suas necessidades básicas, enquanto que 25% destes disseram que houveram mudanças e o funcionamento tinha melhorado. Quanto a este último ponto, ficamos a saber que estes 3 entrevistados que perfaziam os 25%, faziam parte da direcção e que tinham regalias da VM (cada presidente do grupo recebeu uma bicicleta, uma cabeça de gado bovino e tiveram uma quantidade elevada de sementes quando comparada com a que os outros membros tinham recebido). Nos grupos da VM verificou-se a falta da noção de direcção, os membros entraram pelos estímulo que havia (receber apoio) e não se preocuparam pelo processo produtivo, daí os maus resultados que tiveram. Se repararmos as condições de produção destas duas zonas são idênticas com as de Nhancutse, a questão que se coloca é, porque é que estes não tiveram os mesmos resultados alcançados em Nhancutse (mesmo não sendo taxativamente iguais, esperava-se que houvessem melhorias).

d) Visão dos Grupos Quanto ao Futuro

Tabela 15: Visão dos dois tipos de grupos

Item \ Aldeia	Nhancutse (N = 24)	OMM e Chiconela (N = 12)
1. Melhorar os rendimentos	4	
2. Atingir a auto-suficiência alimentar	13	7
3. Criar um fundo da associação/grupo	13	2
4. Melhorar a qualidade de vida dos membros	3	
5. Iniciar um projecto de criação de aves (galinhas)	5	
6. Ter acesso a semente da machamba colectiva		7
7. Possível venda do excedente e dividir o dinheiro		1

Todos grupos entrevistados não estão preocupados só para o presente, mas pensam no futuro tendo algumas aspirações (vide a tabela 15). A percepção do futuro é positiva e as expectativas são enormes. A grande preocupação no futuro prende-se na satisfação em termos de alimentação e na criação de um fundo do grupo/associação que poderá servir de uma retaguarda segura para a solução de alguns problemas dos membros. Na verdade para o caso de Nhancutse, caso as condições de produção melhorem, algumas expectativas podem ser atingidas facilmente, mas para as culturas de rendimento é necessário que haja compradores (factor motivador para a continuidade da produção em massa deste tipo de culturas). Outros pontos passam pelo empenhamento da própria direcção do grupo na sensibilização dos seus membros. Por exemplo, a criação do fundo da associação/grupo é uma questão que não tem sido levada á sério. Os membros só falam que querem criar um fundo mas na realidade nenhum grupo tem dinheiro no fundo, mesmo as associações ainda não tem. A criação do fundo serviria de uma retaguarda segura para melhor servir os membros em caso de necessidade e podiam iniciar outros projectos com o seu próprio fundo sem esperar pelo apoio externo. Para que as visões se tornem reais no futuro é preciso que os membros se empenhem bastante nos programas traçados. Para os dois grupos de OMM e Chiconela respectivamente, os membros mostram ter uma visão ambiciosa porque nas condições em que os grupos se encontram dificilmente poderão alcançar as suas visões. O que se verifica na realidade é que os membros são menos criativos e preguiçosos (não chegando a se reunir para procurara melhores soluções com vista a alcançarem as suas visões), por um lado, isto pode ser o reflexo da apatia que ganharam com o projecto da VM e por outro pela falta de interesse destes em trabalhar, estes não podem esperar que o apoio venha a materializar as suas visões. Há necessidade de mudar a mentalidade destas pessoas incitando ao trabalho com vista a alcançarem os seus sonhos.

e) Destino da Organização Após o Término do Apoio

Os entrevistados que fazem parte das organizações de Nhancutse, foram unânimes na continuidade do grupo e do processo produtivo após o término do apoio (veja a tabela 7), porque os objectivos da sua criação foram claros e eles sabem porque criaram o grupo; enquanto que os membros dos grupos de OMM e Chiconela dão a condição da existência do apoio para que os grupos continuem a existir e trabalhar. A questão da continuidade do grupo após o término do apoio é um dos pontos que tem que ser tomado em consideração na implantação dos projectos de desenvolvimento rural. Não adianta termos que dar apoio a um grupo a saber que daqui a 1 ou 2 anos o grupo vai se extinguir. O apoio serve de energia de activação para que mais tarde o grupo por si possa ser responsável pela gestão e continuação do processo produtivo para posteriormente servir de exemplo e ajudar outras comunidades. Não podemos esperar que os doadores/agências de desenvolvimento tenham condições para ajudar todos os necessitados, mas se os grupos forem capazes de gerir os proveitos do apoio podem entrar num processo produtivo contínuo e ajudar os outros necessitados. Os grupos da OMM e Chiconela praticamente já não existem, e se existem, foram confinados a um pequeno grupo de 10 a 20 membros que às vezes tem aparecido nos trabalhos colectivos, ao passo que em Nhancutse, mesmo com as catástrofes que assolaram a região os grupos existem. Consta-se que receberam mais membros e continuam a trabalhar. Provavelmente porque houve clareza nos propósitos da sua criação lançando-se para o segundo plano a questão do apoio. Mais uma vez, a questão da clareza nas razões e objectivos da formação do grupo é um factor chave para a coesão do efectivo (grupo/associação/organização).

f) Liderança

Para os grupos de Nhancutse, a escolha do líder foi da iniciativa dos membros dos grupos, enquanto que para os grupos da OMM e Chiconela liderança foi imposta pela VM em coordenação com as estruturas do bairro. Tanto num, como noutro tipo de grupo, a questão da liderança é um assunto que não tem sido discutido ao nível do grupo. A maneira como o líder foi escolhido pode ter influência no funcionamento do grupo. Para os grupos de Nhancutse, os líderes foram escolhidos pelo seu carisma, empenho e boas relações com os seus membros. É verdade que a manutenção destes na liderança poderia levar a estabilização, mas nestas condições não se dá lugar para novas aprendizagens e oportunidades. A liderança dos grupos da VM foi imposta, e esta não reflecte os anseios e desejos dos membros uma vez que está mais para satisfazer as necessidades dos seus dirigentes que dos membros. O pesquisador notou existir uma barreira na comunicação entre os membros e a liderança, não havendo fluxo de informação mesmo entre os membros e verificou-se

um autoritarismo por parte das direcções da VM e algumas de Nhancutse na imposição de certos aspectos, o que, de certa maneira, tem contribuído negativamente para o diálogo e coesão interna do grupo. Contudo, o pesquisador dá uma nota positiva às direcções dos grupos de Nhancutse quando comparadas com as dos grupos da OMM e Chiconela, porque estas conseguem mobilizar os seus membros ao trabalho, o que não acontece com as outras, onde os membros preferem fazer os seus trabalhos individualmente.

V.7. Análise da Sustentabilidade dos Projectos Implementados Pelas Duas ONG's

Para a análise da sustentabilidade dos projectos foram usados 7 critérios de sustentabilidade que se seguem, sendo os primeiro dois de Blunt & Warren e os últimos cinco de Kanshahu, representados na tabela seguinte.

Tabela 16: Critérios usados para análise da sustentabilidade dos projectos implementados

Critério	Projectos da ADCR	Projectos da VM
1. A comunidade deve ser envolvida em todos estágios do projecto	✓	
2. As agências de desenvolvimento e governamentais cumprem as suas restrições mas tem uma tarefa vital de motivação, treinamento e assistência técnica	✓	
3. O projecto deve ser capaz de se adaptar aos conhecimentos locais	✓	✓
4. Deve usar os recursos locais existentes	✓	✓
5. Os resultados devem ir ao encontro das necessidades básicas da população local	✓	✓
6. O projecto deve gerar lucros	✓	
7. O projecto tem que dar continuidade do processo produtivo	✓	

a) ADCR

O primeiro aspecto importante que poderá contribuir bastante para a sustentabilidade dos projectos da ADCR é a sua filosofia de usar os grupos existentes, principalmente os de ajuda mútua ou de outra natureza mas criados por iniciativa dos membros da comunidade. Maior parte deste tipo de grupos existe desde há muito tempo e estão mais preocupados com o processo produtivo. Para a intervenção em curso, a ADCR envolveu o grupo alvo em todas as fases do apoio. Após as cheias foram-se reunir com os beneficiários e juntos procuraram as possíveis soluções, o apoio foi implementado e todos também são envolvidos na avaliação dos frutos do apoio dado. A ADCR conhece os seus limites de actuação (por exemplo, nunca interviu na liderança de um grupo), aparece como motivador/moralizador ao sensibilizar/mobilizar as pessoas a trabalhar, para que não estejam sempre dependentes do apoio externo; dão apoio técnico para que o grupo alvo só por si possa produzir e transmitir os conhecimentos adquiridos aos outros. Algumas culturas introduzidas

já vinham sendo praticadas, só trabalhou-se no sentido de se melhorar o “saber” das populações locais com vista a se elevarem os rendimentos. O material de propagação usado multiplica-se localmente e os frutos do apoio vão ao encontro das necessidades básicas dos beneficiários desde a alimentação até a venda para atender à outras necessidades¹³. O projecto está gerando lucros porque para além do auto-sustento das famílias, consegue-se excedente para vender. Os membros dos grupos, quando questionados do destino do grupo após o término do apoio da ADCR, foram unânimes que os grupos nunca desaparecerão e sempre continuarão a produzir porque o grupo foi criado para isso e já faziam isto antes de aparecer o apoio da ADCR. Esta é uma das tarefas que a ADCR já tem facilitada pois que os membros têm consciência da necessidade de continuar com o processo produtivo mesmo após o término do apoio. Sem margem de dúvidas, se estes fossem os únicos pontos a considerar na análise da sustentabilidade de projectos, poderíamos afirmar com certeza que este projecto da ADCR é sustentável, mas como não são todos, só podemos afirmar que o projecto reúne condições para garantir a sua sustentabilidade.

b) Visão Mundial

Da tabela 16, pode-se ver que apenas três critérios são satisfeitos mas não na totalidade. Os beneficiários não foram envolvidos nos vários estágios do projecto, este foi desenhado pela VM e foram lá para implementar e nem houve acompanhamento das actividades realizadas pelos grupos. A falta de participação comunitária em algumas fases do projecto, terá contribuído negativamente para o sucesso deste. Este aspecto é importante pela necessidade que tem de envolver directamente as comunidades locais no processo de desenvolvimento. MADER (2001), diz que a participação comunitária é um requisito fundamental para que as intervenções de desenvolvimento rural sejam sustentáveis. Houve uma falha por parte da VM, ao intervir na escolha dos líderes que não eram positivamente aceites pelos membros, o que veio complicar o trabalho destes, porque não eram capazes de convencer o grupo para uma determinada tomada de decisão, estando mais para materializar os sonhos da VM e não os anseios dos membros. O projecto adaptava-se aos conhecimentos locais, mas como houve um mau acompanhamento por parte da VM, e uma falta de interesse por parte dos beneficiário, não gerou os resultados esperados. A montagem dos campos de ensaio e multiplicação de ramas de batata que ficariam sob responsabilidade do próprio grupo alvo possibilitaria os camponeses usar este material multiplicado localmente. Se os resultados fossem satisfatórios, iriam ao encontro das necessidades básicas tanto em alimentação como em outras e seria capaz de gerar lucros gera lucros a medida que estes podiam vender os produtos (o que não

¹³ Os resultados do apoio são visíveis e as pessoas usam para alimentação ou é possível encontrar no mercado à venda, o pesquisador teve a oportunidade de ver.

está acontecendo do momento). A continuidade dos grupos e do processo produtivo, é dependente da existência do apoio. Com o término do apoio em Dezembro de 2001, já não estão a produzir e cada um ainda mantém o seu nome na lista do grupo para se beneficiar da ajuda que aparecer. Como se pode ver, muitos critérios não são satisfeitos, daí o grande risco em usar este tipo de organizações em projectos de desenvolvimento rural sustentáveis.

V.8. Análise da hipótese formulada

Hipótese

Organizações de camponeses baseados nos hábitos tradicionais de ajuda mútua são mais sustentáveis do que as organizações locais formadas com o apoio de instituições externas à comunidade. Podem funcionar como base sólida para novas organizações de produtores introduzidas, na comunidade rural, por instituições vocacionadas em actividades visando o desenvolvimento rural.

Desta hipótese, constatou-se que as organizações formada com base em hábitos tradicionais de ajuda mútua ou mesmo as formadas por iniciativa dos membros, têm bases fortes para a implantação de projectos de desenvolvimento rural sustentáveis. São organizações com fins produtivos e de solidariedade e que sempre existiram como resultado da cultura e tradição da zona. Por exemplo, podíamos esperar que algumas iriam desaparecer como resultado das últimas catástrofes (de finais de 1999 e início de 2000) que assolaram a região Sul e Centro do país, mas isto não aconteceu. Muitas organizações estão a trabalhar no sentido de atingirem de novo a situação em que estavam antes das cheias; enquanto que para as organizações formadas no âmbito de projectos de desenvolvimento rural, a continuidade do grupo e do processo produtivo são condicionadas pela existência de apoio, o que consequentemente poderá afectar a sustentabilidade do projecto após o término do suporte técnico e material. As formas tradicionais de ajuda mútua e as organizações tradicionais de produtores do sector familiar são caracterizadas por possuir uma coesão interna, trabalho comunitário, preservação da cultura e tradição, sendo, muitas vezes, formadas por vizinhos, amigos e/ou familiares. A relação entre os membros é muito forte e há muita abertura no que respeita à comunicação. Os membros comungam os mesmos objectivos e as razões que lhes levam a entrar nos grupos são também partilhadas, daí que este tipo de organizações possuem raízes fortes que podem manter por muito tempo os grupos formados. Tanto a natureza dos grupos como a vontade dos membros em trabalhar, são características que poderiam ser bem aproveitadas pelas instituições vocacionadas em actividades visando o desenvolvimento rural.

VI. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

VI.1. Conclusões

- As iniciativas tradicionais de auto-organização encontradas no local de estudo são: tsima, cofunana, e xitique. A prática deste tipo de actividades é uma tradição da zona e vem dos seus antepassados passando de geração para geração. Os grupos formados no âmbito destas iniciativas têm laços fortes e relações inter-familiares porque são praticamente formados por vizinhos, amigos e/ou familiares; não são apenas de carácter produtivo visto que os membros ajudam-se em questões de outras necessidades.
- Em Nhancutse encontramos 4 diferentes organizações de produtores que também não se cingem apenas ao carácter produtivo. Foram formadas por iniciativa dos membros, não são unicamente o resultado das práticas tradicionais de ajuda mútua, com excepção da Associação Agrícola de Nhancutse que foi formada no âmbito da política da Frelimo. São organizações dinâmicas com muita vontade de trabalhar para o bem dos seus membros.
- Tanto a ADCR como a Visão Mundial que são as ONG's a trabalhar em Nhancutse, usam estas organizações para a implantação dos seus projectos de desenvolvimento rural. Há uma preocupação no desenvolvimento dos grupos de base porque viu-se que este tipo de grupos tem um bom funcionamento uma vez que os membros comungam os mesmos objectivos e cada um sabe porque está no grupo, tendo argumentos ligados à produção.
- Na aldeia da OMM e Chiconela, encontramos duas organizações de produtores implantadas com finalidades produtivas, formadas no âmbito do apoio pós-cheia pela Visão Mundial. A ideia era de dar apoio material e técnico a estes grupos para que só por si continuassem a produzir no futuro. Tanto a dinâmica da formação deste grupo como a não clarificação dos objectivos da sua formação, influenciaram negativamente no seu funcionamento não se chegando a atingir os objectivos preconizados.
- As organizações tradicionais ou formadas por iniciativa dos membros da comunidade diferem das organizações formadas por iniciativa de instituições com actividades visando o desenvolvimento rural. O que se verificou no terreno, é que as do primeiro tipo tinham fins

produtivos, enquanto que as do segundo tipo tinham primordialmente fins de receber apoio, mas não estando necessariamente preocupados com o processo produtivo.

- As organizações formadas à partir das diferentes iniciativas tradicionais de ajuda mútua ou por iniciativa dos membros, continuam a existir e a trabalhar com/sem a existência do apoio, ao passo que as organizações formadas por iniciativa da VM, condicionam a existência do apoio para a sua continuidade. Estes pensamentos opostos prendem-se nas divergências quanto as razões e objectivos da formação dos grupos. Enquanto que as do primeiro tipo afirmam que formaram os grupos com a necessidade de produzir relegando o apoio em segundo plano, as do segundo dizem que formaram para receber apoio da VM, porque quem não fizesse parte não teria acesso.
- As visões das organizações formadas à partir das diferentes iniciativas tradicionais de ajuda mútua ou por iniciativa dos membros quanto ao futuro, podem ser tangíveis, enquanto que as das organizações formadas por iniciativa da VM, segundo constatações do pesquisador, dificilmente serão atingidas. Os membros do segundo tipo de organizações são menos criativos e “preguiçosos”, por um lado, pela apatia que ganharam com o projecto da VM e por outro, pela falta de interesse destes em trabalhar, o que contribui para a não materialização das suas visões.
- Os projectos de desenvolvimento rural implementados pela ADCR através dos grupos de Nhancutse, reúnem condições para garantir a sua sustentabilidade, enquanto que os implementados pela VM através dos grupos de OMM e Chiconela, não reúnem condições para serem sustentáveis à longo prazo. Tanto a natureza dos grupos usados como as estratégias usadas e o papel que a ADCR assume (conhecimento dos seus deveres e suas limitações, tendo uma tarefa vital de motivação, treinamento e assistência técnica), são factores que contribuem bastante para o alcance desta condição de sustentabilidade, para os seus projectos. Contudo, o bom sucesso dos projectos não depende apenas da vontade do técnico, mas também da do grupo alvo.
- Há um grande risco em usar as organizações formadas pela VM, para a implantação de projectos de desenvolvimento rural sustentáveis. Este tipo de projectos, exigem uma continuidade do processo produtivo após o término do apoio, e esta condição não se verifica

nos grupos da OMM e Chiconela. Este risco, também estende-se para a formação de grupos com promessas de apoio, para a implantação de projectos de desenvolvimento rural, visto que o estímulo é o factor motivador para a continuidade da existência do grupo e do processo produtivo.

VI.2. Recomendações

Às agências de desenvolvimento que queiram implantar os seus projectos de desenvolvimento rural sustentáveis, recomendamos:

- O uso de organizações resultantes das formas tradicionais de ajuda mútua ou criadas por iniciativa dos membros da comunidade, porque estas têm raízes e bases fortes para continuar com o processo produtivo após o término do apoio. Na formação deste tipo de grupos, todos membros são clarificados acerca dos objectivos e razões da formação do grupo, que muitas vezes são ligados à produção e construção de redes de solidariedade.
- Caso queiram usar os grupos da OMM e Chiconela, ou outros formados da mesma maneira, terão que fazer um trabalho de sensibilização e mudança de mentalidade dos membros apelando-os ao trabalho, o que também passará necessariamente pelo empenho e dedicação do próprio grupo alvo. A adopção da nova filosofia de “dar o anzol e ensinar a pescar” e não “dar simplesmente o peixe”, seria também uma outra metodologia que podia surtir efeitos positivos, claro que também tinha que merecer um grande empenhamento por parte dos dois intervenientes.
- Num trabalho coordenado procurem identificar os grupos existentes nas comunidades onde queiram operar, ou mesmo que usem os grupos desta natureza que se encontram a trabalhar com outras instituições seguindo esta filosofia, como é o caso da ADCR de Xai-Xai. A identificação terá que ser feita muito antes do início do apoio, para se avaliar o estado organizacional e vontade do grupo em trabalhar.
- Que haja intercâmbio ou sejam organizados *workshops* entre as agência de desenvolvimento a operarem no local de estudo, para em conjunto discutirem e trocarem experiências acerca dos factores que contribuem positiva e negativamente no sucesso dos seus projectos e

traçarem medidas para ultrapassar os pontos negativos. Quanto mais organizadas e coordenadas as actividades das agências de desenvolvimento estiverem, mais notória será a contribuição que estas dão na garantia da segurança alimentar e melhoria na vida das populações locais ao nível de Xai-Xai.

- O uso de métodos participativos como Diagnóstico Rápido Rural (DRP) para aumentar o envolvimento activo dos membros dos grupo. Isto contribuirá positivamente na garantia da sustentabilidade e repicabilidade dos projectos implementados, após o término do apoio.

À ADCR, recomendamos:

- Que crie condições para que haja intercâmbio entre os grupos, principalmente os da mesma aldeia, visto que alguns membros dos grupos esqueceram-se que entraram nestes para aprender com os outros. Se dentro do grupo há trocas de experiência, porque não entre grupos da mesma zona. Os intercâmbios não podem se cingir apenas entre grupos de diferentes aldeias.
- Que continuem com o programa de formação dos grupos em matéria de liderança, porque esta é ainda uma questão que não é bem entendida entre os membros. De princípio, seria melhor que o programa cobrisse todos grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACNUR/PNUD, **Perfil de Desenvolvimento do Distrito de Xai-Xai, Província de Gaza**, Maputo 1997.
- Almeida, M. A. e Rolo, D. B., **Introdução às Ciências Sociais e às Organizações**, Lisboa, 2000.
- ORAM (Associação Rural de Ajuda Mútua), **Plano Trienal de Desenvolvimento e Apoio Institucional das Associações de Camponeses na Zambézia**, Departamento de Desenvolvimento, Maputo, 1997.
- Beaudoux, E. e Nieuwkerk, M., **Associações Camponesas em África**, Lisboa, 1985.
- Blunt, P. and Warren, D. M., **Indigenous Organizations and Development**, New York, 1996.
- Campos, A. S., **Associações Agrícolas**, um Guia prático, 2ª Edição, Lisboa, 1999.
- Cardoso, F., **Gestão e Desenvolvimento Rural : Moçambique no contexto da África Sub-Sahariana**, Lisboa, 1993.
- Chilundo, A. e Cau, B., **Organização das Comunidades no Actual Contexto Agrário em Moçambique**, NET e UEM, Maputo, 1997.
- Cossa, L., **Comparação do Relacionamento/Métodos de Trabalho das ONG's Nacionais e Internacionais com os seus Grupos Alvos na Comunidade Rural**, Trabalho de Diploma, FAEF/UEM, Maputo, 1999.
- Da Graça, F. B., de Assis, A. F. e Gervásio, H., **Relatório do estudo sobre as Organizações Comunitárias e Comunicação no meio Rural em Moçambique**, INDER, Maputo, 1998.
- Dava, A. G., Low, J. e Matusse, C., **Mecanismos de ajuda mútua e redes informais de protecção social : estudo de caso das províncias de Gaza e Nampula e a cidade de Maputo**, Maputo, 1998.
- Díaz, L., **Aproximação às Dinâmicas Associativas em Niassa – Moçambique**, Maputo, 2001.
- Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa, 1981.
- Fonseca, J. F., **A importância das Organizações Camponesas para o Desenvolvimento Agrícola na Guiné-Bissau**, Publicação AD, MADER, Maputo, 1993.
- Galán, B., **Microempresas Associativas Integradas por Camponeses Marginados em América Central : Aspectos jurídicos e institucionales**, FAO, Roma, 1994.
- INGC/MSF-CIS, **Boletim de Segurança Alimentar**, Edição nº 2, Maputo, 2000.
- International Federation of Agricultural Producers (IFAP), **Sustainable Farming and the role of Farmer's Organizations**, CTA, 1996.

Kanshahu, A., **Planning and Implementing Sustainable Projects in Developing Countries, Theory, Practice & Economics**, Holland, 1996.

Massingarella, C. e van Vugt, A., **A Situação das Cooperativas, Associações e Uniões de Camponeses no Sector Familiar no Sul de Moçambique**, FAEF/UEM, Maputo, 2001.

Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural, **Abordagem do Desenvolvimento Rural em Moçambique**, Maputo, 2000.

Pijnenburg, B., *et al.*, **Estratégias de geração de renda das famílias rurais e suas interações com o meio ambiente institucional local**, FAEF/UEM, Maputo, 2000.

Plano Estratégico da ADCR - 2002/2006, Xai-Xai, 2001.

van Vugt, A., **Estratégias de Sobrevivência : Organização da força do trabalho**, Serviços de Extensão Agrária, Ministério da Agricultura, Maputo, 1992.

van Vugt, A., **Relatório do trabalho realizado no Distrito de Xai-Xai no âmbito da colaboração ADCR/DNDR**, Ministério da Agricultura, Maputo, 1993.

van Vugt, A., **Apontamentos da Cadeira de Crédito e Poupança Rural**, FAEF/UEM, Maputo, 2000.

Vieira, J., **Associativismo/Cooperativismo**, MADER, Maputo, 2000.

Vijfhuizen, C. e Waterhouse, R., **Apontamentos da Cadeira de Princípios de Organização**, FAEF/UEM, Maputo, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

Quadro 1: Constituição das associações e grupos organizados entrevistados

Grupo	Número de membros						Ano de fundação
	Sex. F	%	Sex.M	%	Total	%	
1. Associação Agrícola de Nhancutse	21	84	4	16	25	100	1975
2. Associação Combate à Fome	15	62,5	9	37,5	24	100	1996
3. Grupo Futuro Melhor	19	76	6	24	25	100	2000
4. Grupo Enxada na Mão	18	50	18	50	36	100	2001
5. Grupo da VM da OMM	16	80	4	20	20	100	2001
6. Grupo da VM de Chiconela	13	81	5	19	16	100	2001
7. Grupo de Chongoene	17	71	7	29	24	100	1986
8. Grupo de Tameleni/Nhokoene	19	79	5	21	24	100	1984

Nota: Para os grupos de OMM e Chiconela, tomou-se em consideração o número de membros que até agora aparecem nas actividades do grupo, de referir que no acto da formação cada grupo tinha 100 membros.

Quadro 2: Sexo e idade dos membros entrevistados durante as entrevistas

Grupo	Nº de entrevistados (N = 6)		Variação da Idade (anos)
	Sex. Femin	Sex. Masc.	
1. Associação Agrícola de Nhancutse	4	2	41 – 68
2. Associação Combate à Fome	3	3	35 – 65
3. Grupo Futuro Melhor	3	3	37 – 62
4. Grupo Enxada na Mão	3	3	48 – 71
5. Grupo da VM da OMM	5	1	28 – 77
6. Grupo da VM de Chiconela	3	3	35 – 68
7. Grupo de ajuda mútua de Chongoene	4	2	30 – 64
8. Grupo de ajuda mútua de Tameleni	5	1	32 – 60
Total	30	18	28 - 77

ANEXO 2

1. QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS COM CAMPONESES QUE PRATICAM AJUDA MÚTUA

1. Informação Geral

- Local
- Data
- Nome
- Sexo
- Idade

2. Ha quanto tempo é residente nesta zona?
3. Que actividades pratica?
4. Quantas porções de terra (machambas) possui? Qual é o tamanho total em ha?
5. Ha quanto tempo possui essas porções? Como as adquiriu?
6. Onde ficam as machambas?
7. O que produz nas machambas?
8. A mão-de-obra é suficiente para realizar todos trabalhos da machamba? Quem ajuda nas actividades da machamba? Quantos? Parentes? (especificar sexo e idade). Durante toda época?
9. Em que momento sente muita falta de mão-de-obra?
10. Em caso de falta de mão-de-obra, como resolve este problema?
11. Trabalha nas machambas de outras pessoas? (Se sim) Porque? (Se não) Porque?
12. Se sim, que tipo de trabalho/ajuda mútua se trata?
13. Desde quando vem praticando esta actividade?
14. Quantas vezes por ano faz este tipo de trabalho/ajuda mútua?
15. Costuma trabalhar nas machambas de quem?
16. A mão-de-obra for a da família é paga? (Se sim) Como? (Se não) Porque?
17. Que nome dá esse tipo de colaboração? (Se for ajuda mútua)
18. Quem ajuda nas actividades da machamba? Quantos? (especificar sexo e idade).
19. Quanto tempo dura a colaboração/actividade de ajuda mútua?
20. Desde quando contacta pessoas para vir trabalhar nas suas machambas?
21. Porque entrou no grupo? Como entrou? Quem pode fazer parte do grupo?
22. Como se relaciona com os membros do grupo?
23. De quem foi a ideia de formação do grupo? Porque formaram?
24. Nesta zona existem/existiam diferentes formas de ajuda mútua praticadas na agricultura? Quais são?
25. Em que formas de ajuda mútua participa? Porque participa nestas e não nas outras?
26. Como funcionam/funcionavam as diferentes formas de ajuda mútua nesta zona?
27. De onde vem estes hábitos tradicionais de ajuda mútua?
28. Quais são as vantagens de ajuda mútua?
29. Além do aspecto económico, as actividades de ajuda mútua tem outro aspecto muito importante? Qual?
30. Quais são as desvantagens de ajuda mútua?
31. Quais são os pontos fortes que mantêm o grupo unido?
32. Quais os pontos fracos que afectam negativamente a coesão do grupo?

33. Como foi estabelecida a autoridade governante do grupo? (Quem é o representante, como chegou a este cargo, quantos anos tem o seu mandato, como escolhem o novo chefe, etc.).
34. Que conflitos aparecem dentro do grupo? Como são ultrapassados?
35. Qual é o papel das mulheres, homens e jovens?
36. Qual é o futuro destes hábitos de ajuda mútua? Ainda são aplicáveis? (Se sim) Em que condições? (Se não) Porque?

2. QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS COM CAMPONESES MEMBROS DAS ORGANIZAÇÕES DE PRODUTORES

Parte aplicável a todos

1. Informação Geral

- Local
 - Data
 - Nome
 - Sexo
 - Idade
2. Há quanto tempo é residente nesta zona?
 3. Que actividade pratica?
 4. É membro de alguma organização? Qual?
 5. Quando surge a organização? Como surge?
 6. De quem foi a iniciativa da criação da organização?
 7. Quais os objectivos da organização?
 8. Porque entrou na organização?
 9. Como entrou? Desde quando está na organização?
 10. Tem recebido algum apoio? De quem? Que tipo de apoio? Desde quando?
 11. Quais os resultados desse apoio?
 12. Que utilidade tem o apoio que recebe?
 13. Até que nível foram envolvidos nas várias fases do projecto? (identificação, implementação e avaliação).
 14. Que ensinamentos tiveram com este apoio?
 15. Qual é o papel das mulheres, homens e jovens?

Para organizações tradicionais que entraram em projectos de desenvolvimento rural

16. Sente que a nova organização está unida que os grupos existentes? Porque?
17. Que tipo de grupos existiam antigamente? Como funcionavam/ Quem podia fazer parte destes? Que actividades realizavam esses grupos?
18. Antes do aparecimento do projecto, o que pensava, em atingir no futuro com o vosso grupo? Qual era a vossa visão?
19. Esta visão mudou com o aparecimento do novo projecto? (Se sim) Porque? (Se não) Porque?
20. Depois do fim do projecto, a vossa organização termina ou continua? Porque?
21. O processo produtivo continua ou não? Porque?
22. Pensam em voltar aos antigos grupos? Porque?
23. Quais os factores fortes que unem os membros das organizações?
24. Quais os pontos negativos que retardam o fortalecimento da organização?

25. Como era estabelecida a autoridade governante na antiga organização? E na nova? (pelo projecto, internamente, quais os requisitos para ocupar o cargo, o mandato, etc.).

Para organizações de produtores formadas no âmbito de projectos de desenvolvimento rural

26. Antes do projecto, a vossa organização existia? Porque?
27. Sente que a organização esta unida? (Se não) Porque?
28. Qual a influência da heterogeneidade dos membros do grupo?
29. Os resultados vão ao encontro das vossas necessidades básicas? (Se não) Porque?
30. Depois do fim do projecto, a vossa organização termina ou continua? Porque?
31. Qual é a vossa visão para os anos que se seguem após o término do apoio?
32. O que fazem para dar continuidade do processo produtivo após o término do apoio?
33. Como foi estabelecida a autoridade governante? (pelo projecto, internamente, quais os requisitos para ocupar o cargo, o mandato, como escolhem o novo chefe, etc.).

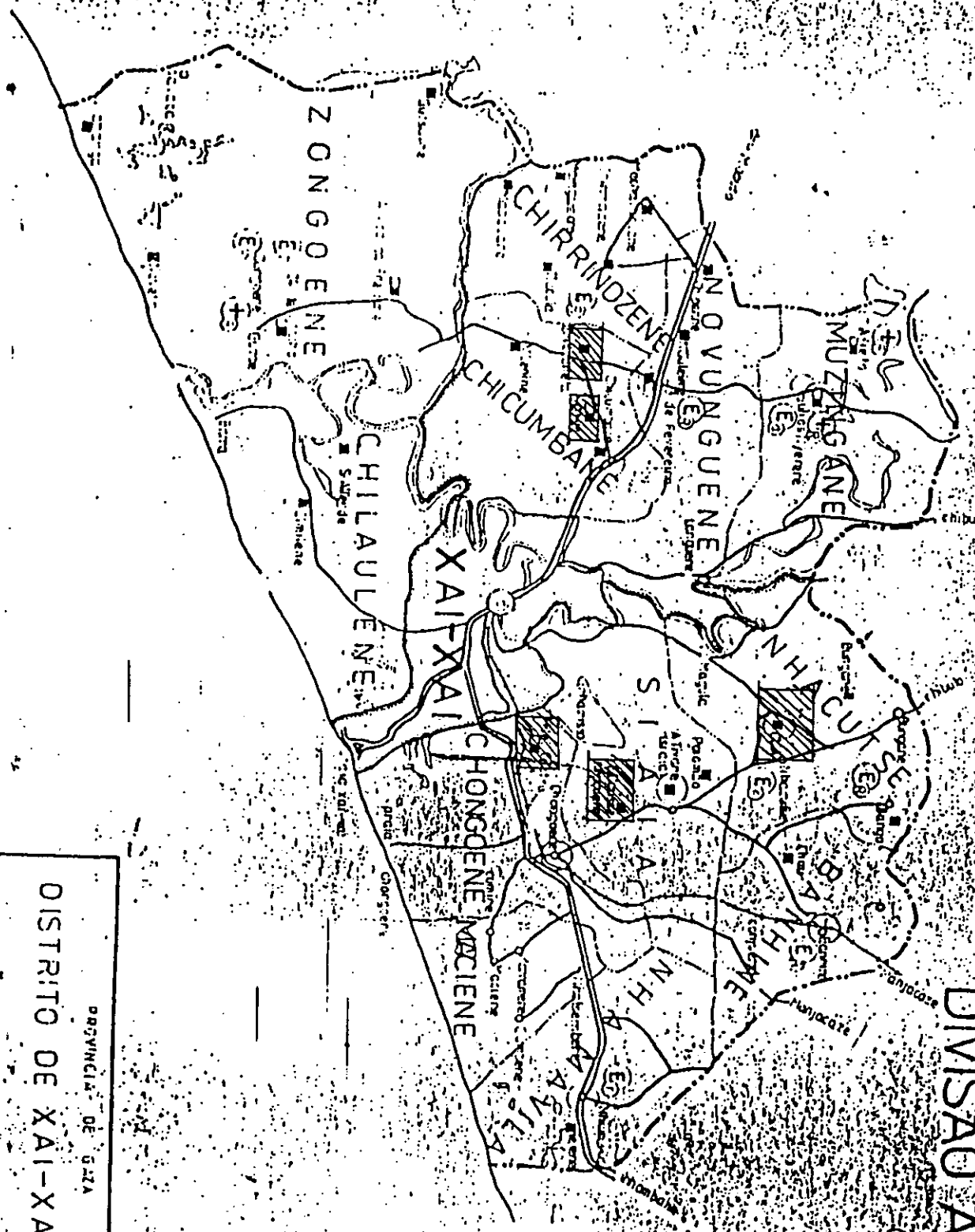
3.QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS ÀS INSTITUIÇÕES DE APOIO (ADCR, Visão Mundial, etc.)

1. Historial da organização (criação, objectivos, zonas de actuação, etc.).
2. Que tipo de actividades a organização desenvolve?
3. Quando surge o projecto de apoio á comunidade X ou Y?
4. De quem foi a iniciativa da criação do projecto?
5. Como foi identificado o projecto?
6. Quais os objectivos do projecto? Qual é a sua duração?
7. Como escolheram o grupo alvo?
8. Porque criaram a nova organização ou usaram a local existente?
9. Que dificuldades enfrentaram na formação ou re formação da organização?
10. Ha quanto tempo estão a trabalhar com a organização?
11. Qual é a vossa filosofia para a formação das organizações de produtores?
12. Qual a influência da heterogeneidade das pessoas na organização?
13. Que tipo de apoio dão à população da comunidade X ou Y?
14. Que ensinamentos querem transmitir à população com a implementação do projecto?
15. Até que ponto houve envolvimento do grupo alvo nas várias fases do projecto? (Identificação, implementação e avaliação)
16. Quais as estratégias para a auto-sustentabilidade do(s) vosso(s) projecto(s)? Como o projecto irá garantir a continuidade do processo produtivo após o término do apoio?
17. Que destino terá a organização após o término do projecto?
18. Quais os pontos que contribuem positivamente para o sucesso do projecto?
19. Quais os que contribuem negativamente para o sucesso do projecto? Como são ultrapassados?
20. Como foi estabelecida a autoridade governante do grupo? (Pelo projecto, internamente, quais os requisitos para ocupar o cargo, o mandato, etc.).

DISTRITO DE XAI-XAI

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

(CIRCULARIDADES)



LEGENDA

- ESTRADA
- ESTRADA DE FERRO
- PIQUETE
- CANAL DE REGAÇÃO
- ALDEIA
- PROVAÇÃO COMERCIAL
- ÁREAS DE ESTUDO
- Nome da localidade
- Série de localidade
- Setor de estudo
- ESTRADA
- ESTRADA DE FERRO
- PIQUETE
- CANAL DE REGAÇÃO
- ALDEIA
- PROVAÇÃO COMERCIAL
- ÁREAS DE ESTUDO

PROVINCIA DE GAZA

DISTRITO DE XAI-XAI

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

CHIFF DE 1:50,000

CHIFF DE 1:50,000

CHIFF DE 1:50,000